

DO ESCURO AO INFINITO

Vivências e Resistências
de Adolescentes LBGTs no Brasil



Malum.



Rede Nacional de Adolescentes LGBT



www.adolescentesslgbt.com.br

Organização: Rede Nacional de Adolescentes LGBT

Revisão: Mariah Gama e Iana Mallmann

Coordenação da Rede Nacional de Adolescentes LGBT: Iana Mallmann
e Mariah Gama

Diagramação: Bruno Gabriel Simões

Capa: Isadora Libanio

DO ESCURO AO INFINITO

Vivências e Resistências
de Adolescentes LBGTs no Brasil



Malum



Sumário

ME APRESENTO	14
AMOR ESPERA	15
LEMBRANÇAS	16
BICHA	19
AS DORES PARECEM FLORES, FINALMENTE	20
PRECISAMOS DE VOCÊ	21
EXISTE AMOR PRA MIM?	24
MINHA VIDA É UMA LUTA	25
PARA MINHA MÃE	26
ESPALHAR AMOR	27
DANE-SE O JULGAMENTO	31
TRANSGENERIDADES E LUTAS	33
TRANSição	35
DO AMOR DE OUTREM	37
CONFIDÊNCIAS	39
ANSEIOS	41
EU SOU GENTE	42
EU FICO	43

SOBRE SER TRANS (ou como você pode fazer a vida de uma pessoa trans menos dolorosa)	44
PAZ	48
VOCÊ	51
SER EU	57
AMOR TRANQUILO	59
VALE A PENA	61
PALAVRAS	63
PRA QUEM?	64
LADY GAGA	66
ESTRELAS DE ARCO-ÍRIS	67
HOMEM DE VERDADE	69
MORENA	71
B	73
AINDA HOJE	74
AMO VOCÊ	75
PARA BELY	76
MARES	77
JUNO E O MEU ARMÁRIO	79
BICHA PRETA	82

PARA TODOS OUVIREM	84
ELA	86
UM POUCO DE MIM	87
APAIXONADA	88
LUTO	90
DONA DIRCE	92
MEU COTIDIANO	93
MULHER	95
SOMOS INCRÍVEIS	97
DESCOBERTO	99
08 DE AGOSTO DE 2015	101
SOL LUA	103
O PRIMEIRO DIA DA MINHA VIDA	107
MÃE	109
MINHA PRÓPRIA LUZ	111
A VERDADE SOBRE COMO VOCÊ SE FOI	116
VONTADE	119
DESOLAÇÃO	123
O QUE EU APRENDI SENDO LGBT EM UMA INSTITUIÇÃO MILITAR	124

ALFORRIA	129
SER LGBT É	130
FÉ	132
ODISSEIA	134
EU NÃO VOU DESISTIR DE MIM	137
VIRA HOMEM, VIADO!	138
REVOLUÇÃO	143
MEMÓRIAS PRA SE GUARDAR COM CARINHO	145
ENQUANTO ALGUÉM ME AMAR	147
MULHER DE PAU	150
SONHO	152
DENTRO DA CAIXINHA	154
O AMOR VAI VENCER	155
MENINAS QUE AMAM MENINAS	157
REVOLTA DA ARTE	159
BRILHAMOS	165
COMO SOU	166
MEDO	167
O QUE É O QUE É	168

Caras leitoras e leitores,

Esse livro é um grito de denúncia, indignação e luta de mais de oitenta adolescentes lésbicas, gays, bissexuais e trans que hoje vivem no Brasil. Lendo esse livro vocês terão a oportunidade de acompanhar a história e trajetória de adolescentes que muitas vezes convivem com exclusão, violência e discriminação. Lendo esse livro vocês poderão descobrir sobre o quê esses adolescentes estão pensando e refletindo; que ideias estão projetando, os medos que sentem e as batalhas que enfrentam. Vocês vão ler histórias de amor, autoconhecimento, violência e superações. Os desabafos aqui escritos e ilustrados são palavras que anseiam impactar a forma como vocês, leitores e leitoras, convivem com os adolescentes LGBTQs ao seu redor. Esperamos que esse livro seja capaz de provocar mudanças reais e sensíveis nas pessoas que o leiam. Queremos que nossa voz ecoe e possa alcançar adolescentes que se sentem diferentes, estranhos, sozinhos e errados, e ao ler nossas palavras e ver nossos desenhos, possam sentir que não estão sós e que a vida vale a pena, quando se luta por um mundo mais justo e mais colorido. Queremos que pais, mães, responsáveis, educadores, professores e professoras se sensibilizem com as violações de direitos básicos vividos pelos adolescentes autores do livro e possam atuar como protetores e guardiães do direito a uma vida sem violência. Esperamos que esse livro seja capaz de abrir caminhos para diálogos mais honestos e livres entre famílias, escolas e adolescentes LGBTQs.

Muitos dos autores e autoras do livro estão escondidos e revelados através de nomes fictícios (indicados por asteriscos), para que suas identidades possam ser preservadas e protegidas. Além disso, muitos dos adolescentes que contribuíram com a construção do livro ainda não podem ser elas mesmas e eles mesmos diante de suas famílias. Portanto, os pseudônimos também cumpriram papel de permitir que as vozes abafadas pudessem, mesmo em segredo, falar. No entanto, todas as histórias são reais e escritas por adolescentes lésbicas, gays, bissexuais, trans e outras identidades diversas; de todas as regiões brasileiras, 20 estados diferentes e com idades entre 13 e 18 anos.

Esperamos que vocês possam se identificar com cada um dos sujeitos aqui representados e entender um pouco das realidades tão diversas e plurais. Nós, da Rede Nacional de Adolescentes LGBTQ,

sonhamos e lutamos por um mundo em que as vidas de lésbicas, gays, bissexuais e trans não sejam precarizadas e vulnerabilizadas. Lutamos por uma escola que tenha a coragem necessária para encarar e enfrentar a política do ódio e do fascismo, que insiste em excluir e silenciar narrativas, corpos, subjetividades e vidas de sujeitos fora da norma. Entendemos que não basta inclusão, queremos ir além: queremos o novo! Queremos derrubar o que está posto e reconstruir uma educação em que não seja necessário falar sobre “incluir o diferente”, mas que perceba a pluralidade humana como parte essencial da experiência pedagógica e esteja inteiramente engajada na luta contra opressões de raça, classe, sexualidade e gênero. Reivindicamos que o Estado brasileiro não se omita diante das graves violações de direitos que sua juventude LGBT vivencia hoje no país e garanta que os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente sejam de fato assegurados para essa população.

Queremos que, através de toda a nossa atuação, elaboração e publicação deste livro, o movimento LGBT brasileiro compreenda a necessidade de voltar o olhar para a adolescência, já que são os adolescentes LGBT que estão vivendo, neste exato momento, a dura realidade do conservadorismo nas escolas e famílias brasileiras, muitas vezes sem nenhum apoio, autonomia ou perspectiva de mudança.

Agradecemos ao Bruno Gabriel, que se dispôs a nos ajudar em todo o processo de produção; à Isadora Libanio, que aceitou nosso convite para ilustrar a capa do tão sonhado livro e também ao **UNICEF Brasil**, que sempre acredita e apoia nossas iniciativas. Sem vocês não seria tão perfeito!

Agradecemos especialmente todos e todas as adolescentes que nos confiaram suas histórias, relatos, poesias e ilustrações e compartilharam conosco seus afetos, dores, orgulhos, paixões, traumas e alegrias. Este livro é para vocês, de vocês e por vocês.

Que as dores do mundo nunca sejam mais fortes que a vontade de viver!

Estamos juntas e juntos.

Com amor,

Mariah Gama.

Coordenadora da Rede Nacional de Adolescentes LGBT.

E se me quer na lembrança,
guarde meu nome contigo
meu nome é nome,
só nome
é simples, mas decisivo.
Na flor das noites de sangue
eu parto sem chorar dor,
eu parto, mas deixo contigo o que fui aqui,
deixo amor.

– Anderson Herzer

Escritor e poeta trans brasileiro, Herzer viveu a adolescência na FEBEM em plena ditadura militar e teve seus poemas e relatos publicados no livro “A Queda para o Alto” em 1982.





Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

ME APRESENTO

Sem muito pudor, prazer, sou eu.
Filho de um poliamor mal resolvido.
Cresci em um abismo, onde o tabu reinava.
Cheguei cego ao mundo de um poeta
que cativava a ideia de morte, e assim
fui aprendendo a eternizar as pessoas.
Com todo o acordo de vida
apresento a você, meu caro amor,
meu universo complexo.

Mickael Pederiva, 16 anos, transgênero, Distrito Federal.

AMOR ESPERA

Escuro
Poeirento
Não quero estar mais aqui dentro

Mofo
Sem amor
Só consigo sentir dor

Eu quero a paz
Que não me faça olhar para trás
Eu quero asas
Para ter amor demais

Abro a porta, vejo o mundo lá fora
Um arco-íris
Saí do armário
Agora chegou a minha hora de ir embora.

Isabel, 17 anos, lésbica, Distrito Federal.

LEMBRANÇAS

Eu era apenas uma criança despreocupada com a vida, quando comecei a sentir os primeiros sinais de que eu era um garoto diferente dos outros. Eu não me sentia confortável ao falar de garotas ou assistir um jogo de futebol. Eu gostava de jogar jogos de tabuleiro ou ficar com minha irmã mais nova para poder brincar com suas bonecas, mas isso não me tornava menos homem que outro menino. Eu apenas não via graça nas coisas que eles gostavam.

Cresci em uma família evangélica e comecei a frequentar a igreja com cinco anos, e nela permaneci até os quatorze. Eu era o "pastorzinho" da igreja, mas mal sabiam eles que eu tinha minhas aventuras com um vizinho que também fazia parte desta igreja.

Os anos foram passando e eu precisei me mudar de casa. Fui para um novo bairro e todas as amizades e vizinhanças foram trocadas. Eu me senti muito só, mas não demorou muito para eu fazer novos amigos.

Nessa mudança de casa/vizinhança, acabei deixando meu vizinho da igreja pra trás, com quem tive meus primeiros contatos e desejos sexuais. Em torno de um ano, me afastei da minha identidade sexual e voltei a ser apenas uma criança.

Ao completar meus 10 anos, eu ganhei meu primeiro celular com acesso a internet. Não era digital, mas foi o suficiente para começar minhas descobertas na web. Aquele era meu primeiro contato com a internet, até porque venho de família pobre sem muitos recursos.

Logo de início, uma das minhas primeiras pesquisas foi a palavra gay. Eu tinha curiosidade em descobrir o que eu poderia vir a ser. Pesquisei no Google e ele me deu resultados de definições, notícias, imagens e também sobre pornografia gay.

Eu lembro que tinha um site onde mostravam trailers eróticos e eu fui assistir um por curiosidade. Foi aí que eu percebi que eu sentia atração de verdade por garotos. No começo, eu fiquei meio assustado, mas eu queria entender mais daquilo. Eu me mantive quieto sobre o assunto, indo sempre para a igreja e pagando de falso moralista. Eu mesmo tinha preconceito contra o que eu sou, porque de acordo com a

sociedade, ser gay é pecado, errado e anormal.

Dois anos se passaram e eu ganhei meu primeiro celular digital, onde eu podia acessar o whatsapp e outras redes sociais. Eu estava com treze anos quando comecei a entrar em grupos gays. Sabe aqueles grupos onde só tem “promiscuidade”? Então, eles mesmos. **Passsei um tempo naquele mundo escuro onde o sexo era a única coisa que importava.**

Infelizmente, eu conheci esse mundo muito cedo.

Nesse mesmo ano, tive meu primeiro relacionamento e primeiro beijo com um garoto (foi o primeiro de todos, e foi muito ruim). Eu tinha treze ou quatorze anos e ele dezoito. Sim! É uma grande diferença. Porém, ele me respeitava e cuidava de mim. Nunca transamos.

Passaram-se alguns meses, e a notícia de que eu era gay se espalhou. Em parte porque eu contei na escola, mas também porque o pastor da igreja que eu frequentava contou pra minha família. Ele viu minha publicação no Facebook sobre me assumir e usou isso contra mim. Até então, minha família não sabia, porque eu havia bloqueado todos do meu Facebook, menos o pastor.

Foi um grande choque e até hoje não se fala no assunto.

Hoje, **com quinze anos, faltando um mês para completar dezesseis,** eu me sinto uma nova pessoa. Tudo que eu vivenciei no passado contribuiu de alguma forma para me tornar o que sou hoje. **Participo do ativismo LGBTQ,** das lutas do povo contra o governo e me destaco na escola como um aluno influente para os outros estudantes. Sempre tive respeito por parte da escola, e olha que eu moro na periferia da minha cidade.

Mas não é por isso que eu nunca enfrentei preconceitos. Eu me lembro uma vez de ter sido atacado no Facebook por umas cento e cinquenta pessoas espalhando ódio no meu perfil. Simplesmente por publicar uma foto junto do meu ex namorado. Aquilo me deixou bem mal, e não poder ser quem eu sou porque as pessoas me agredem verbalmente, ou até mesmo fisicamente. Nunca apanhei por ser gay, pelo menos não ainda, mas não sei até quando poderei dizer isso.

Já sofri muitos olhares repressores por não me adequar ao padrão, por ser quem eu sou.

Eu me recordo de uma vez estar andando na rua por volta das nove horas da noite, quando ouvi dois caras conversando. Eles diziam:

“eu não gosto de viado e quem achar ruim, eu dou um cacete”.

Eu estava passando nesse momento perto deles e achei que iria apanhar ali mesmo. Foi apavorante! Fico triste de saber que o simples fato de ser gay pode me machucar ou me levar à morte. As pessoas tem medo do diferente, e por isso querem nos exterminar. **O medo, nojo e raiva do diferente nos tornam monstros.** Monstro é quem só se preocupa com a “boa moral” e “bons costumes”. Vivemos sem amor, sem empatia.

Chego ao fim desse pequeno resumo da minha vida. Sou um adolescente gay que, assim como os outros, precisa de amor, respeito e liberdade. Não deixemos que apaguem nosso brilho e nossas cores.

Somos lindos como somos e ninguém poderá mudar o nosso sentimento.

Simon*, 15 anos, gay, Mato Grosso do Sul.

BICHA

Bicha, o estado de maravilhosidade lhe pertence desde o berço,
então não precisa ir pro beco pra ser tombamento.

Bicha, não tem problema ser afeminada,
tem problema é se deixar ser esmagada.

Bicha, não tem problema ser normatizada,
desde que seja amada por quem seja desejada.

Bicha, você pode ser religiosa,
bota seu joelho no chão e ora,
só não deixa a crença ser mais importante que a decência de se respeitar
a diferença.

E bicha, entende de uma vez por todas
que ser bicha não limpa sua ficha nem te dá licença pra ser reaçã.

Aimara Anjos, 17 anos, lésbica, Bahia.

AS DORES PARECEM FLORES, FINALMENTE

toda vez
que riram
falaram
fizeram
bateram
me mataram por dentro.

às vezes eu acho que eu não me encaixo nisso tudo
às vezes eu acho que eu não pertença a lugar algum que
tenha nesse mundo
às vezes eu acho que eu destoo
mas é só às vezes
de resto, tenho certeza.

as risadas já não importam mais quando ouço o sangue pingar
os boatos já não importam mais quando estou em prantos as
três da manhã trancado no banheiro agonizando
nada mais importa
eu só queria viver em paz
eu só queria viver minha diferença
eu só queria viver.

Voel*, 17 anos, assexual, São Paulo.

PRECISAMOS DE VOCÊ

Eu me chamo Sarah* e talvez para muitos isso que vou relatar não tenha importância, ou seja rotulado como algo vergonhoso, aberração ou algo do gênero.

Um adolescente LGBT vive muita discriminação na sociedade: se sentem excluídos e oprimidos. O medo de se assumir é difícil, o medo aflora à pele ao imaginar a reação dos pais. Um momento pra mim ficou marcado para sempre.

Quando me assumi pra minha mãe, foi inesperado, e pra ela foi um baque ouvir aquilo. Pra mim foi chocante, pois não imaginava que ela reagiria daquela forma e com tanta agressividade. Ouvi coisas que me martirizam até os dias de hoje.

4 de abril de 2015. Após uma confusão na escola por causa de uma “paixãozinha” minha, fui chamada para tratar do assunto: ou eu contava toda a verdade para minha mãe ou alguém contaria. As horas passaram tão rápido e o meu medo se fazia presente a todo instante. Eu tinha muito medo, então chamei uma amiga de infância minha, pois assim eu teria coragem de encarar toda aquela situação.

Chamei minha mãe para uma conversa e disse que precisava conversar e que o assunto era sério. Minha mãe não imaginava que seria exatamente aquele assunto. A reação dela foi desesperadora, ouvi xingamentos, palavras de ódio saindo da boca da minha própria mãe. Fui ainda ameaçada de levar uma “coça”, mas graças a Deus e a minha irmã não apanhei, foram horas e horas de conversa entre as duas para fazer minha mãe entender que era normal ter um filho LGBT. Mas minha mãe era dura, não queria entender, continuava a me julgar e me insultar.

Eu sempre fui forte, aguentava tudo calada. E quando não aguentava, chorava, mas eu não queria que ela me visse naquele estado, chorando, então eu saí. Ela me chamou para conversar quando ela estava mais calma. Pela primeira vez senti que eu teria alguém com quem contar além de minha irmã. Ela me pediu desculpas, disse que não era o sonho dela, **mas que iria me apoiar. Anos depois vejo que aquilo tudo foi dito em vão.** Não tenho o apoio da minha mãe. Apenas de minha irmã; com quem sei que posso contar.

Dói esconder minha sexualidade da minha mãe, a única pessoa que eu queria que me apoiasse.

Para muitos, ser LGBT é “modinha”, ou dizem que somos assim por escolha. É tão simples entender, não escolhemos nascer assim, mas é a lei da vida. Muitos acham que escolhemos optar por sofrer preconceito, sofrer ameaças e até correr riscos de morte. Muitos julgam, mas poucos se colocam em nosso lugar. Mas agora, por um minuto, tente se colocar no nosso lugar: conseguem imaginar a dor que sentimos? A tristeza que carregamos? Que mal as pessoas vêem em amar alguém? Só por serem do mesmo sexo? Por não fazer parte do “padrão” que a sociedade rotula? Por que declaram ódio contra nós?

Somos livres para amar e temos o livre arbítrio. Só queremos o mesmo direito que todos: amar a quem quisermos, sem medo, sem julgamentos, sem palavras de ódio.

Eu digo que sou feliz do jeito que sou e tenho orgulho de mim mesma. Não tenho vergonha de dizer que amo uma garota. Mas mesmo assim, ainda o medo ainda me cerca. Eu quero amá-la sem que ninguém me violente. Talvez isso seja só fantasia da minha cabeça, esperar viver num mundo assim. Mas não posso deixar de acreditar num mundo melhor. O que nós LGBTs queremos é só respeito e o apoio que precisamos. Eu não conheço você, não sei quem você é, mas eu preciso de você!

Sarah*, 15 anos, lésbica, Rio de Janeiro.



Lucas, 16 anos, trans, São Paulo

EXISTE AMOR PRA MIM?

Vez em quando ela volta.
me cerca, assim silenciosamente.
silêncio alto.
silêncio avisa que chegou.
quando ouço o pesado do silêncio não demora pra fixar os meus olhos
nos dela.
e dói.
verdade que não quero ver.
pergunta que me paralisa, latejando, pulsando como dor que é.
vez em quando ela volta, a pergunta, me fixando nos olhos.
triste, enfurecida.
existe amor pra mim?

Arthur Pietro, 18 anos, LGBT, Distrito Federal.

MINHA VIDA É UMA LUTA

Desde quando eu me entendo por gente, eu sabia que era diferente. Durante a minha infância, eu adorava brincar com minhas primas de boneca, e às vezes vestia roupas e acessórios da minha mãe.

Mas vamos voltar para quando minha mãe estava grávida. Ela era louca para ter uma menina, e todas as ultrassonografias diziam que era menina. Minha mãe comprou roupas rosas, brincos e tudo mais, mas quando eu nasci o médico disse que eu era um menino, e então minha mãe trocou tudo por azul.

Quando fiz sete anos, tirei meu “BV” com uma menina e foi extremamente horrível! Quando fiz nove anos, tirei meu BV com um menino e foi muito perfeito! Quando me descobriram, começou o bullying. Eu não fazia ideia do que havia acontecido comigo para os outros me chamarem daquilo, mas não ligava muito porque como eu era criança, levava muito na brincadeira. Um tempo depois, já com uns doze anos, além de sofrer bullying e agressões verbais, eu ainda sofria agressões físicas. Chegava em casa machucado e meus pais percebiam, mas diziam que era eu quem provocava.

Quando completei treze anos, eu estava com tudo aqui tudo engasgado e comecei a desenvolver anorexia, bulimia e depressão por conta do bullying que eu sofria.

Com quize anos, eu me assumi gay e fui muito agredido, tanto pela minha mãe, quanto pelas pessoas da escola, mas meu pai não fazia nada. Quando procuramos uma psicóloga, ela não me ajudava com minha depressão, porque estava preocupada demais com a minha sexualidade, e dizia que **iria ajudar a minha mãe a me curar do “homossexualismo”**. Eu briguei muito com ela e fui expulso do consultório.

Em 2017, conheci no carnaval meu atual namorado, o Pedro. **Minha mãe já o conheceu, aceitou e estou vivendo muito bem.** Agora quero ajudar pessoas que passam por tudo que passei. Tenho orgulho de ser quem sou e garanto: ser LGBT é ser forte e é uma conquista, porque passamos por muita coisa. Eu amo esta comunidade e quero falar por ela!

Michael*, 16 anos, gay.

PARA MINHA MÃE

Menina mãe, você é forte pra caralho
me carregou nas costas até quando meu peso esmagava teu corpo
jovem demais
quando o peso que esmagava era a própria juventude
ou o quando o peso era a negritude
ou quando o peso era a mulheridade
e até depois, quando o peso era a minha viadagem
superando sua própria depressão pra cuidar da minha
você sempre foi forte pra caralho, menina mãe.

Arthur Pietro, 18 anos, LGBT, Distrito Federal.

ESPALHAR AMOR

Tentei contar pra minha mãe da minha sexualidade
Mas o medo me definia, já que a mesma dizia que isso era uma
enfermidade

Já tentei ser o que ela quis, e me enquadrar na sociedade
Mas percebi que não há nada melhor do que ser o que eu sou de
verdade

Meu pai uma vez me disse, nunca duvide do amor que tenho por você
Mas será que esse amor permaneceria se eu dissesse o que meu
coração quer fazer?

Dói no meu peito, a ignorância do mundo sobre esse tema
Querem me julgar se beijo alguém do mesmo sexo, mas não percebem
que isso não é um problema

Parem de ditar o que devo fazer, só quero ser livre, espalhar amor,
independente de quem eu escolher.

Joana*, 15 anos, LGBT, Rio de Janeiro.

Meu nome é Luiza*, tenho 15 anos e minha história com a comunidade LGBTQ+ começou há pouco tempo, eu acho. Comecei a perceber que eu era um pouco diferente somente no ano passado, quando percebi que nas séries que eu assistia, acabava prestando mais atenção nas garotas e não nos meninos “super” bonitos.

Então, depois de um tempo cheguei à conclusão de que sou lésbica.

Isso a princípio não me assustou nem um pouco, confesso que fiquei até um pouco contente, pois eu não conseguia me ver com um menino, se é que me entendem. Enfim, não fiquei com medo nem tive problemas em me aceitar, eu sempre tive a mente muito aberta, mesmo vinda de uma família homofóbica. Mas foi exatamente aí que eu fiquei com medo. Sempre que o assunto “homossexualidade” surgia à tona na família, era um show de comentários preconceituosos, e eu não entendia o porquê de todo aquele ódio simplesmente contra pessoas querendo ser felizes.

Recentemente, um acontecimento me marcou muito: eu queria comprar um tênis e ele estava na seção masculina da loja. Minha mãe já chegou com seu discurso homofóbico de sempre com a pergunta:

Tá querendo virar sapatão, é?

Eu respondi como eu nunca tinha feito antes, por medo:

E qual o problema disso, hein?

Ela ficou sem graça e não tocou mais no assunto. Enfim, meus pais são muito homofóbicos e isso ainda me dá medo, porém sempre tem um lado bom da história: os amigos!

A primeira pessoa pra quem eu me assumi foi uma das minhas amigas que eu mais confiava (confesso que eu tinha um pequeno crush por ela), e na hora que eu falei, ela disse a melhor coisa que eu poderia ouvir:

Eu já sabia... e acontece que eu também sou!

E isso iluminou meu dia e a gente começou a se aproximar mais e conversar sobre tudo. Logo depois acabei contando para o meu único amigo na época que também teve a mesma reação maravilhosa. Ele era gay também!

Eu percebi então que mesmo com a minha família preconceituosa,

estou cercada de pessoas maravilhosas e coloridas.

Depois dessas primeiras vezes ficou mais fácil contar para os outros amigos, mas mesmo com várias pessoas incríveis perto de mim eu tenho consciência de que ainda existem muitas pessoas preconceituosas pelo mundo. Sei que existem muito mais pessoinhas maravilhosas que estão sofrendo muito mais do que eu estou. Então tudo o que nós podemos fazer é tentar diminuir todo esse preconceito com as nossas manas e manos por aí e garantir que essas pessoas recebam todo o amor e apoio do mundo!

Esse é só o começo da minha história, que espero que continue por muito tempo, e com certeza uma pequena história no meio de muitas outras.

Com muito amor para todas as pessoas que precisam de suporte e também para todos os homofóbicos desse mundo!

Luiza*, 15 anos, lésbica, São Paulo.



Camila Herrero, 18 anos, bissexual, Distrito Federal.

DANE-SE O JULGAMENTO

O mundo julga sim
A sociedade é egoísta
Homofóbica, preconceituosa
Injusta e machista

Querendo ou não
Isso vai acontecer
Por alguma diferença
Vão te desmerecer

Mas passe por cima
Mostre que é capaz
Pega todo esse falatório
E mostre que você é mais

Bem mais que isso
O que vale é sua felicidade
Opinião dos outros
É apenas falta de maturidade

Errado é quem julga
Temos liberdade de expressão
Direito de escolha
E de seguir o coração

Seja feliz
Demonstre seu sentimento
Seja você
E dane-se o julgamento

Liberdade de expressão
Direito legal do povo
Conquistada uma vez

Mas a luta é todo dia de novo

Poder dizer o que pensa
O que sente ou o que quer
É um direito seu
Ir e vir de onde quiser

Aonde puder chegar
Lute pra conseguir
Se o mundo quiser mudar
Faça alguém sorrir

Dê a todos liberdade
Seja livre você também
Exija seu direito
Tudo isso é pro bem

Não siga o padrão
Não seja massa de manobra
Lute pelo que você quer
E que exploda o que sobra.

Ludmila*, 15 anos, lésbica, Santa Catarina.

TRANSGENERIDADES E LUTAS

Estamos em um campo de guerra
e estamos perdendo
o solo vermelho
manchado pelo sangue dos nossos
o medo se mistura a raiva
quero acabar com isso
digam-me que acabaremos com isso
por favor, digam-me
pois quase já não tenho fé
somos tão poucos
mas somos tantos
olho pro rosto de vocês
vejo hematomas ao redor de olhos vermelhos
cortes no maxilar, lábios que sangram
e lágrimas
estão nos matando
posso sentir os corpos de nossas irmãs
se amontoando por todos os lados
morreram na luta
mas pra eles não é o suficiente
querem nossos ossos queimados
somos jovens agora
mas vão ter pego cada um de nós
antes que tenhamos 30
mas eu não vou deixar que peguem vocês
e vocês não me deixarão só
olho pro rosto de vocês e sei
e sinto
acabaremos com isso
homens trans, empunhem suas espadas celtas
mulheres trans, ergam suas lanças de estocada
travestis, ponham flechas em seus arcos
e não binárias irão brandir seus machados de guerra

preparem-se
quando descermos ao campo de batalha
estaremos em formação de guerra
e são eles que vão sentir medo
quando virem as bandeiras trans
presas aos ombros de nossas armaduras...

Arhtur Pietro, 18 anos, LGBT, Distrito Federal.

TRANSiÇÃO

Na ultrassonografia, determinaram-me o sexo, consequente imposição de gênero: masculino. Nem sequer repararam que, no olhar, existe a feminilidade, mas, no pênis, existe a masculinidade. Designaram-me o ser homem de acordo com a genitália. Eu gritava! Eu gritava! Eu GRITEI! Não me ouviram, não ouviram a mulher recôndita. Eu crescia, eu reproduzia a cisnormatividade angustiada, aliás, revoltada! Eu não devia usar vestido! Como não? Eu não devia brincar de boneca! Como não? Eu não podia exteriorizar a menina? NÃO! Somente interiorizar o menino. Corroía-me a imposição, desgastava-me a submissão. O que fazer? Eu deveria! E sentia pena de mim, e eu sentia pena do mundo, eu sentia nojo do MUNDO! E eu sentia nojo de mim. Então...gritei novamente! um grito tênue, para apaziguar a angústia. Não podia prosseguir! Eu não conseguia prosseguir! EU GRITEI MAIS ALTO! Disse: SOU MULHER! Sou mulher além da genitália, sou mulher além de qualquer convenção social, suporto a coercitividade, aliás, supero-a. Suspiro. Mais um suspiro. Hoje grito em minha defesa, em minha visibilidade. MINTO. Em NOSSA visibilidade, caras irmãs TRANS*. Olho o mundo de outra forma: desconstruindo o imposto e construindo o SER. O olhar, hoje, reflete angústia, mas, também reflete paz, reflete o fluir, reflete o renascer. Quiçá, reflete os gritos de explosão em minh'alma, que corroboram hoje a transição.

Clarice Telles, 17 anos, trans, Rio Grande do Norte.

Nunca me senti tão corajosa apenas
por andar de mãos dadas com alguém



Ingrid*, 16 anos, LGBT, Paraná

DO AMOR DE OUTREM

É, pois, senão o silêncio que nos é imposto
Inconstante mas sempre presente.
E dentre entrelinhas entristecidas diante do mar
Perguntai a lua, quanto valeu te amar?

Pelos brados e prantos,
E também por ser efêmera,
Quão só estarei na jornada final?
E vejo às beiradas,
Faces curiosas, faces entristecidas,
Que um dia atrás sorriam-me
Sob a perene luz da infância

Valei-me minha mãe,
Pois eu preciso de você
E tu que és a luz que me trouxe ao mundo
Me ajude a compreender!

Pois ajudai-me meu pai,
Está tão frio aqui!
Nesse longínquo e arduo caminho
Preciso, eu, de ti!

E sob perene luz da juventude,
Anseio mais uma vez por sorrir,
Tendo não só a lua como confidente
Mas sim o mundo inteiro

E que para com o meu amor
Que seja chama incandescente
Que brilhe ardilosamente
E a vida toda iluminai
Pois em nada difere

Do amor de outrem.

Sofia*, 15 anos, lésbica, São Paulo.

CONFIDÊNCIAS

"Eu sinto que ele gosta de mim, amiga. senão ele não me procuraria. a gente sempre faz amor escondido, de baixo da ponte, nos matos, em construção, qualquer lugar. faz sete meses que ele não me procura. o que será, amiga? cada dia que passa eu fico com mais esperança dele me chamar pra gente... eu ando muito ansiosa, ele não me diz o que está acontecendo. sabe, amiga, ele nunca me beijou, mas eu sei que ele gosta de mim, é por isso que sempre agrado ele com um dinheirinho. se eu tivesse a minha casinha, a gente ia morar junto, eu fazia comida e lavava pra ele, como se eu fosse a mulher dele. você sabe, eu não sei ler, por isso só posso ser servente de casa. eu sinto uma dor no peito, amiga, quando ele passa por mim e finge que eu não existo. acho que se eu fosse "racha" ele me assumiria. um dia a gente ainda vai viver juntos, ele vai me assumir, você vai ver. fazem seis anos que a gente namora escondido, deve tá perto..."

Clarice Telles, 17 anos, trans, Rio Grande do Norte.



Rita*, 18 anos, trans, Distrito Federal

ANSEIOS

Tenho 17 anos, nordestino, gay e cis. Nasci em lar cristão e conservador e durante toda a minha trajetória, meu círculo social foi repleto de pessoas extremamente intolerantes, contribuindo para uma vivência mais amarga. Os “primeiros sinais” da minha homossexualidade apareceram aos meus sete ou oito anos. No entanto, nunca, em momento algum, reconheci como tal, e sempre tive em mente que no futuro eu seria liberto desse tal “espírito” que me acompanhava e assim eu me tornaria igual a todos os outros. Orações e mais orações a um ser que depositava toda a minha crença, e nunca recebi resposta alguma. O futuro chegou e é hoje e agora. Aos quatorze anos, eu não já não conseguia suportar o que estava em mim, e comecei a externar minha sexualidade. Opressões? Claro!

Companheira diária na escola, na rua e na família.

Sigo existindo e resistindo, e hoje afirmo a minha fala pautando a necessidade do movimento LGBT se articular e empoderar os adolescentes, começando por ocupar todos os espaços. Precisamos elevar a nossa voz porque lugar de viado também é na rua e na luta. Precisamos mostrar que o movimento LGBT não se resume apenas em “parada gay”, mas os nossos anseios são pelo direito de ser e existir.

"AS GAYS, AS BI, AS TRANS E AS SAPATÃO TÃO TUDO ORGANIZADA PRA FAZER REVOLUÇÃO".

Thiago*, 17 anos, gay, Alagoas.

EU SOU GENTE

Eu sou gente
Meu coração bate, grita e sente
E sempre será assim
Sou igual a você
E quando sangro dá até para ver
Você só não percebe porque tua ignorância não tem fim

Eu sonho, acordo e reclamo.
Eu brigo, sorrio e amo.
E mesmo assim, sou tratado feito lixo
Às vezes o cotidiano é cruel demais
Para com os "animais"
Que se tornam menos por serem quem são. Pode isso?
Todo dia é um pesadelo
Para quem sofre por inteiro
Pelo fato de ser privado do próprio sorriso
Mas e aí, isso é assim tão errado?
Mereço ser cuspidor e espancado
Por gostar de meninas e de meninos?
É tarde, e o "bom-senso" já virou ódio
Talvez por acidente, talvez de propósito
E por simples "bom-senso", você me chama de doente
Não se deixe levar
Não sou lixo, não sou bicho, nem desperdício de ar:
EU SOU GENTE!

Jorge*, 16 anos, bissexual, Distrito Federal.

EU FICO

fui feita pra fugir.
fujo do que sinto.
fujo de quem me faz sentir.

mas você me faz querer ficar, ficar por inteiro.
meu coração nômade se sedentariza pelo teu corpo.
meu caos encontra paz na calmaria da tua aura.

então, se você quiser, eu fico.
e enquanto você quiser, eu permaneço aqui.
porque você é vênus e eu aceito me tornar tua lua.
tua única lua.
girando sempre ao teu redor, mesmo que toda vez que teus olhos
encontrem os meus eu saia de órbita.

Beatriz*, 14 anos, bissexual, Ceará

SOBRE SER TRANS

(ou como você pode fazer a vida de uma pessoa trans menos dolorosa)

Ser LGBT em um país LGBTfóbico como o Brasil é uma aventura diária, pesquisas apontam o Brasil como um dos piores destinos para turistas LGBTs no quesito segurança, e se tá assim pra quem visita, imagina pra quem mora aqui.

Há dentro da sigla LGBT um grupo específico, ao qual eu mesmo pertenço, que é o grupo representado pela letra T: o de transgêneros (conceito que inclui travestis, transexuais e pessoas não binárias). Esse grupo é o mais socialmente marginalizado e estigmatizado da sigla, se posso assim dizer.

Vivenciar uma identidade trans é uma guerra com o mundo e muitas vezes consigo mesmo, todos nós passamos por uma criação social que é binarista, cisheteronormativa, sexista, machista, transfóbica...e muitos outros "istas" e "fóbicas" por aí. Um dos ensinamentos básicos da nossa criação é: homem tem pênis, sempre e mulheres tem vagina, sempre. Então, todos nós, trans ou cis, temos nosso gênero determinado no nascimento por conta do genital que carregamos, sem que sequer tenhamos conhecimento do que significa "genital" ou "gênero". Então, quando crescemos, na maioria das vezes essa fórmula "dá certo" e a pessoa se identifica com aquele gênero que decidiram que era o dela, mas algumas vezes essa fórmula nos mostra o quanto ela é falha e preconceituosa, e essas vezes são quando as pessoas simplesmente crescem e não se identificam com aquele gênero que lhe impuseram no nascimento por conta do seu genital, e aí começa todo o problema.

Pra encurtar a história, porque se eu for falar de toda violência que uma pessoa trans passa ao longo da vida eu gastaria um livro inteiro, eu posso garantir a vocês, pessoas cisgênero, que é uma vivência pela qual nenhum de vocês desejaria passar.

Você é deslegitimado em casa, na escola, entre amigos, na universidade; as pessoas tentam (e algumas vezes conseguem) te fazer acreditar que você é uma pessoa louca, te dizem que você nunca será um homem ou uma mulher de verdade, te reduzem a um genital

ambulante e você tem que passar a vida provando a médicos cisgêneros que tem o poder de falar por você sobre a sua identidade de gênero que você é "trans de verdade". Enfim, uma série de processos e violências que vêm de um só lugar: a nossa incapacidade de respeitar o outro como esse outro quer ser respeitado.

Tudo não seria tão mais simples se tivéssemos empatia? Se entendêssemos que a vivência do outro não nos diz respeito e só nos cabe respeitá-los? Por que não aceitar o nome que uma pessoa trans escolheu pra ser chamada? Por que não tratá-la pelos pronomes de acordo com o gênero que ela se identifica? Isso não é sobre você, e sim sobre ela, entenda isso.

Por outro lado, e aí entra o lado político-burocrático da coisa, precisamos avançar em termos de políticas públicas para o reconhecimento do nome e gênero de pessoas trans em seus documentos. É uma questão de cidadania, e cidadania é um direito inerente à pessoa humana, e pessoas trans são humanas também.

Mas o que você, pessoa comum e talvez não militante, pode fazer em prol das pessoas trans é algo muito simples, que não dói e nem exige esforço: respeite-nos, respeite nossos nomes, respeite os pronomes pelos quais queremos ser chamados, respeite nossas identidades, e eu não vou dizer que agradeço porque isso era algo que pessoas trans nem deveriam ter que pedir, porque respeito é nosso por direito. Tão vendo? Esse é o resumo da vida de uma pessoa trans: passar a vida inteira mendigando uma coisa que deveria ser oferecida a todos nós, cidadania.

Diego Nascimento, 16 anos, Bahia, trans e pansexual.

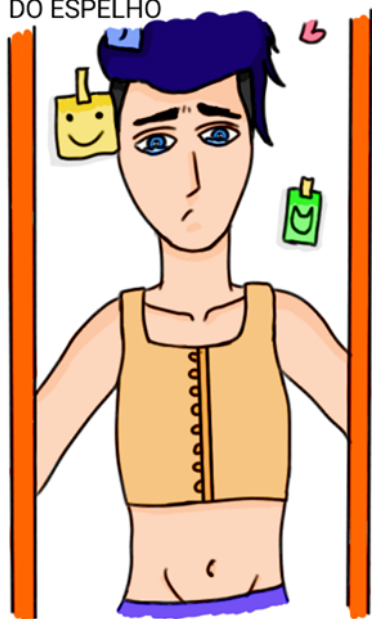
O ESPELHO NUNCA REFLETIU QUEM
EU REALMENTE SOU. O ESPELHO ME
ENGANOU POR ANOS



O ESPELHO SEMPRE DISSE PARA
MIM QUEM EU ERA E SEMPRE
AFIRMOU QUE NÃO PODIA SER
DIFERENTE.



EU SEMPRE ODIEI ESSA FIGURA
DO ESPELHO



EU SEMPRE ODIEI ESSE ESPELHO.

E EU TENHO MEDO...



DE SER PASSADO PARA TRÁS.



EU TENHO MEDO

...

DE QUE O ESPELHO
NUNCA ME REFLITA

...



© 2000

Casa do tiete da arte

EU NÃO ESTOU ENGANANDO
NINGUÉM.



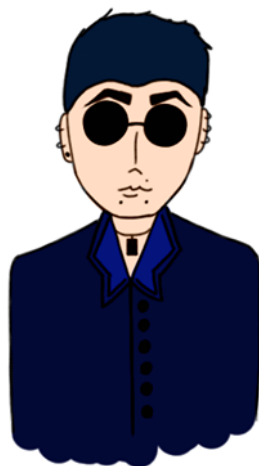
EU NÃO PRECISO TE
PROVAR NADA.



EU NÃO PRECISO ME DESPIR
NA SUA FRENTE, NEM TE
CONTAR COMO FAÇO SEXO.



EU SOU UM HOMEM
DE VERDADE.



EU NÃO DEVERIA TER QUE
REAFIRMAR MINHA
MASCULINIDADE SEMPRE.



TÃO REAL QUANTO VOCÊ.

Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

PAZ

Acordo com o sol me impossibilitando de abrir os olhos, mais um sonho ruim. Viro de lado e vejo você dormindo, com o rosto tranquilo e a boca semiaberta. Uma sensação de aconchego toma conta de mim e por alguns segundos sorrio te observando respirar devagar. Me aproximo e coloco a mão de leve sobre suas costas para acompanhar sua respiração, meu coração se aquece. Chamo por você e escuto uma reclamação de quem dorme plena e não quer de forma alguma acordar para este mundo estranho, mas eu insisto, afinal, amo estar do seu lado quando você acorda. E o que dizer do seu cheiro? se eu pudesse grudaria ele todo em mim. Você resmunga por mais alguns minutos, mas logo acorda e me puxa escondendo seu rosto no meu pescoço, também querendo se esconder da luz que perturba seus olhos. pergunto se você não vai acordar e tudo que recebo em resposta é um sussurro rouco dizendo que não. Sorrio com o som e te puxo para mais perto de mim. A mistura do toque de sua pele e o seu cheiro de manhã me faz pensar que o dia vai ser bom, que os dias ruins são apenas dias ruins e que a vida vale a pena, com você ali nos meus braços eu gosto de pensar que vai ficar tudo bem. Obrigada por ser a minha paz.

Clarice*, 17 anos, LGBT, Paraná

Me foi negado o respeito
Me foi negado o carinho
Me foi negado o direito de viver
Me foi negado o sorriso
Me foi negado o aperto de mão
Me foi negado ser quem eu sou
Ao invés disso, me concederam o deboche, o ódio
Me entregaram uma jaula e disseram que lá era meu lugar
Me botaram num caixão e disseram que era melhor para mim (para eles)
Me prenderam a força e disseram que eu era nocivo
Não me abraçaram porque eu era nojento
Me despiram de ser humano e me mantiveram em cárcere por ser um perigo
Um monstro não compreendido
A bala que atravessou o peito, sangrou e mesmo assim não era castigo o suficiente por ter nascido assim
Foram remédios enfiados goela para que eu fosse exilado do convívio com pessoas saudáveis
Fui um engano
Fui um doente
Fui tudo menos gente.

Lucas Rafael, 18 anos, trans, Pernambuco.



Rafael, 18 anos, gay, Alagoas

VOCÊ

Você voltou pra minha vida, como se nada tivesse acontecido. Eu juro que faria qualquer coisa pra voltar e não ter quebrado minha promessa, mas a única coisa que sou capaz de fazer é pedir desculpas. Por sorte, você aceitou, e por algum motivo ainda viu graça em andar de mãos dadas comigo, e até mesmo falar que senti minha falta. Você não sabe o quanto isso me deixa confuso. Você me confunde, faz-me achar amor em tédio, sentir uma chama que não se vê, mas sabe que está lá, queimando e aquecendo.

Quando você se aproximou, meu coração bateu muito forte como se todas as células do meu corpo saíssem de sua órbita. Odeio quando você tira meus óculos e vira as costas pra mim, mas sei que algo de mim/meu está contigo.

Quando nos sentamos, depois de andar quadras daquela festa até achar um banco numa rua deserta, você de repente olha pra mim de um jeito brilhante. Você não sabe como seus olhos brilham... naquela noite, eu os comparei às estrelas, e puxa! Como as estrelas são medíocres. Sentir e escutar você inspirando e expirando o ar no meu rosto de tão perto que estava, soltando tão calmo e tão puro, você encostando seus lábios nos meus, como a colisão entre sol e lua... foi tão nostálgico, tão puro, tão apaixonante, senti falta disso... E naquele momento, nunca me senti tão eufórico, tão invencível, tão vivo!

Na hora que levantamos e voltamos a andar, você me empurrou com um sorriso de canto de boca, pegou na minha mão de um jeito forte, como se falasse "eu vou estar do seu lado seja pro que for". Eu pude sentir o áspero da mão por conta do violão.

No momento daquela caminhada, eu senti que já não havia medo, mas apenas conforto, senti que nada poderia me tirar o riso, porque o verdadeiro motivo do meu riso estava bem do meu lado, apenas nós dois.

E o melhor de tudo: pude sentir que ele ria de mim, pude ver que ele também ria comigo, não como ele ri com os amigos, mas um riso de conforto, um riso que fala "está tudo bem". Mas sabia desde o começo que nosso destino não era um ao lado do outro, porque você jamais

assumiria um namorado, jamais daria sua vida a compartilhar quando tem a escolha de ser de todos e todas... mas também, nunca o único.

Luiz*, 15 anos, LGBT, São Paulo.

A primeira garota por quem
me apaixonei adora
física e musicais



compartilhamos
o mesmo senso de
humor, e sua risada
é quase tão ridícula
quanto a minha



Ela é uma das minhas
melhores amigas

Quando saí do armário,
perdi alguém que considerava um amigo



Estou melhor sem ele,
mas por muito tempo
a saudade e a raiva
foram presenças constantes.

Acredito na importância de rótulos

? ? gay ? não binarie ?
Pan ? ? ? ?
bi ? ? trans ? ? cis ? ?
? ?

Mas isso não me impede de ficar
confuso

As vezes, parece que
estou escalando uma
montanha sem fim.

eu - a

E sempre que
penso ter certeza
surge uma
nova dúvida

A primeira garota que beije
tem os lábios mais macios.

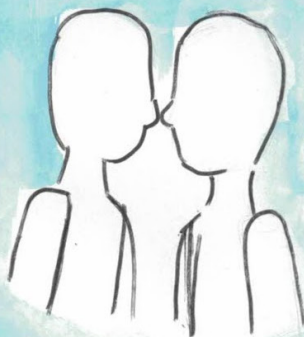


Ela faz as piadas
mais ridículas
Adora K pop
Eu gosto dela.



Não tenho certeza de quase nada
hoje em dia.
E talvez eu não precise ter

O que sei
é que, nos
momentos
certos,



com as
pessoas
certas,

nada disso
precisa
importar

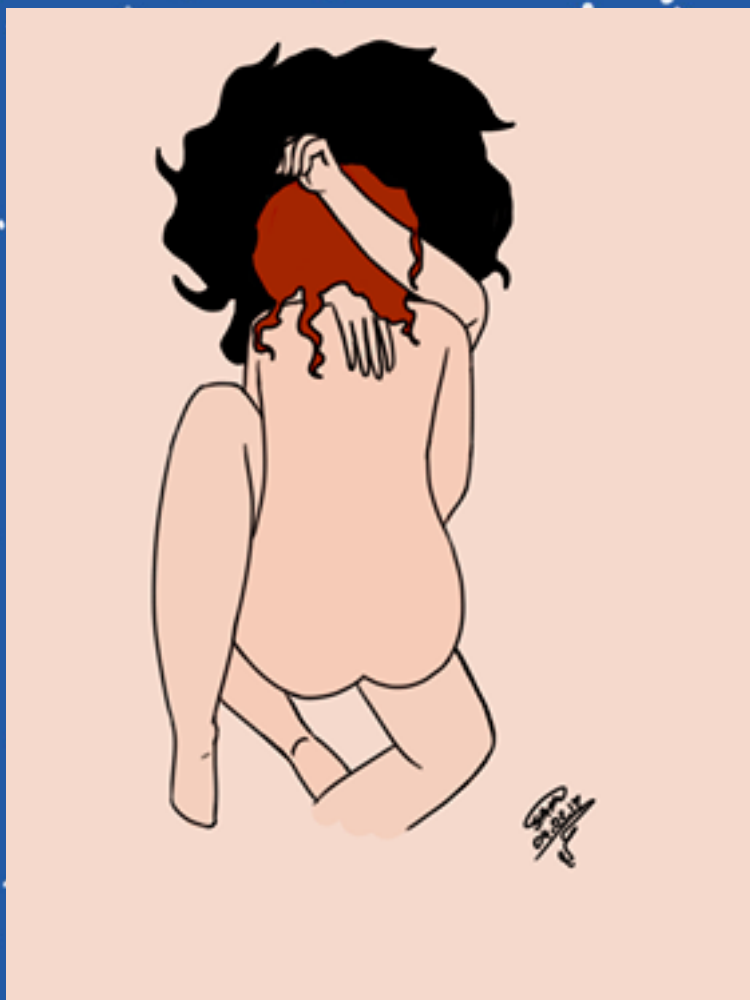
SER EU

Eu tive minha primeira namorada com quatorze anos, nossas famílias aceitaram sem brigas, mas não queriam que agíssemos como um casal em público.

Mesmo assim nós duas sempre andávamos de mãos dadas, trocávamos carícias, e eu sempre sentava do lado dela no ônibus e deitava minha cabeça no ombro dela. Parecem coisas simples, mas só isso já era motivo para olhares de desaprovação, cochichos e risadas.

Mas eu ainda sei que tivemos sorte de ser apenas isso, pois existem jovens e adolescentes LGBTs que estão sofrendo coisas muito piores do que isso.

Ingrid*, 16 anos, LGBT, Paraná



Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

AMOR TRANQUILO

Eu me assumi no calor do momento: a coragem veio, eu insisti e foi! (não recomendo). A reação da minha mãe já era de se esperar, vindo de uma mulher evangélica. Ela surtou e ameaçou me expulsar de casa, porque ela não aceita essa “prática “abominável”.

“Doente!”

“Não presta!”

“Vagabunda!”

“Só me faz passar vergonha!”

“Por que não vai embora da minha casa?”

Se eu pudesse escolher, não moraria mais aqui.

Eu estou namorando há exatamente cinco meses e de lá pra cá, é rejeição atrás de rejeição. Uma vez meu irmão me chamou de “puta de bordel” e ameaçou me bater. Eu disse que se ele fizesse isso, eu o denunciaria.

“Pode ir, se tu acha que vão te apoiar e ajudar”; “tu acha que eles vão acreditar em ti?”

Há dois meses, eu raspei a cabeça, simplesmente porque eu quis, mas algumas pessoas falaram que fiz isso porque quero ser homem. NÃO! Eu só acho que se eu quero e tenho dinheiro, eu posso! Na escola, vejo casais héteros andando de mãos dadas e abraçados, e eu não me vejo com essa liberdade. Por quê? Uma vez eu estava na sala de aula com minha namorada, enxugando nossas roupas com o ventilador porque havíamos tomado um banho de chuva. Então pessoas da coordenação disseram que estávamos nos “agarrando” lá dentro. Minha mãe me deu a maior bronca. Claro que ela acreditou neles, quem sou eu mesmo? NINGUÉM! Só alguém “abominável”.

Eu e minha namorada não andamos de mãos dadas, nem nos abraçamos em público, porque qualquer coisa que fazemos já é motivo para dizerem que estamos tentando impor ou enfiar goela abaixo que nos aceite. Eu só queria a certeza de um amor tranquilo, saudável e sem olhares tortos ao passar na rua. Nós não somos piores ou melhores que ninguém. É horrível saber que você é odiado pelo simples fato de AMAR e SER! É horrível ver pessoas se afastando por você ser quem

você é. Paz e amor, é pedir demais?

Deixem as manas e as monas! Deixem as pessoas! SE AME!
AME O PRÓXIMO! AME AS DIFERENÇAS! VIVA À IGUALDADE!
INDEPENDENTE DE ETNIA; RELIGIÃO E SEXUALIDADE.
APENAS AME!

Larissa*, 17 anos, LGBT, Maranhão.

VALE A PENA

Você se sente diferente das outras crianças do mesmo sexo que você e vê que não é igual a elas: seu modo de pensar, de agir, de querer e até suas escolhas são diferentes. Não consegue se encaixar, não consegue ser “igual”, por mais que você tente e por mais que você queira, é impossível! Isso é você, e não se pode mudar o que se realmente é.

A parte mais traumatizante é quando os que estão à sua volta tentam “consertar” e “mudar você para o seu próprio bem”. Mas você estaria mesmo “estragado” a ponto de precisar de um “concerto”? Seria mesmo para o seu bem? Ou talvez para o bem deles mesmos e de suas próprias consciências?

De alguma forma eles te convencem que ser LGBT é errado, e isso te faz pensar que ser você mesmo é errado, e isso funciona como um castigo, entende? E então, eles te “mudam”. Mas dentro você ainda sabe, pois apesar de não parecer, aquilo que você demonstrava continua ali dentro de você como uma criança triste, encolhida em um canto com o rosto escondido e choro abafado.

Você amadurece, cresce! Adolescência, hormônios a flor da pele, mas você ainda continua tentando se encaixar, como se algo te impedisse. Mas você não quer ser outra pessoa, quer ser quem é, mas isso te põe em risco, o que torna sua caminhada difícil. É como tentar nadar em areia movediça, você bate os braços, as pernas, faz de tudo, luta, se debate, se rebate, mas não sai do lugar e então afunda.

O que os amigos pensariam? Como a família reagiria? Eles ainda te amariam? Será que te amam mesmo? É melhor não correr o risco. Não! E então você acha a vida cruel, quando na verdade as pessoas que são!

Criticam, julgam e maltratam o próximo por ser diferente, quando só está sendo ele mesmo. Eu sei o que é ser criticado por ser quem você é. Comentários maldosos, discursos de ódio e “brincadeiras” estúpidas.

Apelidinhos aqui e ali, olhares tortos, decepcionados e de reprovação e nojo! Nojo de você! Nojo de quem você é! Enquanto outros só observam tudo e não fazem nada. Assim morremos aos poucos.... E então você se pergunta por que as pessoas julgam tanto alguém pela

sexualidade, identidade de gênero, cor da pele, aparência, cultura e até religião, tudo que puderem. Dizem que esta é sua "opinião" e que deve ser respeitada, mas quando uma opinião desrespeita a existência de outra pessoa, não é opinião, e sim opressão!

A caminhada se torna mais fácil quando você tem boa companhia! Há pessoas que valem a pena, pessoas semelhantes a nós e outras que reconhecem pelo que passamos e têm empatia, e não nos julgam. Alguns não compreendem, mas nos respeitam, e eu acho que isso é ser humano, porque você não precisa compreender seu próximo para amá-lo. Você vai encontrar quem vale a pena, quem vai estar ao seu lado, também vai descobrir quem ama você, independente de quem você ama. Irá perceber que você é perfeito, independente do que dizem, e sabe por quê? Pois tem o dom de ser quem realmente é, sem machucar ninguém.

Vale a pena correr o risco, você ainda tem mil sonhos pra realizar, então por que iria desistir agora?

Por que iríamos desistir agora?

Unidos somos mais fortes!

Unidos somos um só!

Unidos lutaremos!

Unidos seguiremos adiante!

E unidos venceremos essa batalha!

Altamiro*, 15 anos, LGBT, Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS

Minhas histórias são enigmas que só eu entenderei mesmo daqui a milênios.

Deixo todos os meus medos. Aventuras.
Todo o meu devaneio.

Meus medos e inseguranças.

Os monstros me fizeram grande.

Me tornaram forte.
Somente os de sangue puro poderão desvendá-las.

E com muito pesar que deixo as palavras se desfazerem por si só.

Leonardo*, 17 anos, gay, São Paulo.

PRA QUEM?

Nenhuma a menos né?
Se não for uma mulher preta
Porque se for
Ah... tudo bem deixar na sarjeta
Vai ser no máximo doméstica
Acordar 5 da manhã e passar a roleta
Claro que é nenhuma a menos
Mas também se num for sapatão
Que isso aí é bem pecado
E eu num quero ficar em dívida
Com o “lá de cima” não
Mas é nenhuma a menos mesmo
Mas, cê mora na perifeira?
Ah! Acho que sei aonde é
Passo lá perto
Indo pro meu condomínio, todo dia
Amiga, aqui é nenhuma a menos
Lógico que vou te dar uma mão
Eu sei que é mó barra esse negócio de depressão
Mas já já passa
Na ultima vez que eu fiquei triste
Fiz uma viagensinha pro Japão
Real que aqui é todas por uma
Igual os três mosqueteiros
Num faz diferença pra mim
Você ter ou num ter dinheiro
Eu sei que sou lida como branca
Mas eu super entendo o que você passa
Também tem negro na minha família
Eu meio que faço parte da sua raça
Cê sabe que dia 8 de março
Vai rolar aquela manifestação lá na praça
Já fui até no shopping pra comprar uma roupa

Não vou perder por nada
Sua patroa não vai te deixar ir?
Ah, ela vai e você vai ficar com o neném
Um absurdo ela te prender assim
E eu vou com quem?
Mas amiga, não se preocupa
Eu vou te representar muito bem
Vou levar uma placa escrito bem grande
“nenhuma a menos” pra quem?

Estela Sena, 18 anos, lésbica, Distrito Federal

LADY GAGA

Por muito tempo de minha vida, eu lidava com o fato de ser gay como uma coisa errada, achava que eu tinha vindo ao mundo com “defeito de fábrica” por ser assim. Eu já frequentei várias igrejas evangélicas de minha cidade, e ouvia o pastor dizer que isso era errado, uma abominação e perversão. No meu quarto ajoelhava diante da minha cama e orava a Deus para que ele me libertasse dessa “perversão”, e isso me frustrava porque não importava quantas orações eu fizesse, quantas igrejas eu frequentasse, eu ainda seria desse jeito, um garoto que gosta de outros garotos.

Quando eu tinha 13 anos, em um fã-clube no twitter que na época era para a cantora Demi Lovato, eu fiz amizade com uma garota chamada Clara. Ela era fã da Lady Gaga, cantora e ativista LGBT, e eu fiquei intrigado porque ela amava tanto a tal da Lady Gaga. Eu pesquisei mais afundo sobre quem é realmente essa mulher que a mídia colocava como “satânica”, “louca”, e acabei me apaixonando por ela também. Gaga me guiou na caminhada por minha identidade, ela me mostrou que eu sou bonito desse jeito e que nasci assim. Dos meus treze anos até hoje eu uso a frase de sua música “Born This Way” como meu mantra “eu sou bonito do meu jeito, porque Deus não comete erros, estou no caminho certo baby, eu nasci assim!”. Com essas palavras ela fez eu me aceitar como realmente sou, me fez ver que não há nada de errado em mim, mas sim nas pessoas que enxergam isso como eu antes enxergava.

Eu não só me amo, como tenho orgulho por ser quem sou, um menino gay, e futuramente, um homem gay! E enquanto eu pairar sobre essa terra eu levantarei minha bandeira e gritarei bem alto para o mundo todo ouvir: EU SOU FILHO DO ARCO-ÍRIS!

Christian*, 15 anos, gay, Minas Gerais.

ESTRELAS DE ARCO-ÍRIS

Afundo as horas garganta abaixo. Elas descem pela minha goela, desprendendo das paredes os resquícios de esperança que esqueci de vomitar na noite passada. Estava ocupado ouvindo suas risadas e xingamentos, que animavam a festa conduzida pelas lágrimas ligeiras em minhas maçãs-do-rostto. Acho que todos esses sentimentos já estavam determinados para minha existência muito antes de saber quem eu era. Não um garoto magro, com diversos sinais espalhados pelo corpo e um nariz assimétrico. Afinal, isso não importa para a sociedade. O que importa para as pessoas é se sou ou não o padrão que elas esperam.

Alguém que gosta de pessoas do mesmo gênero. Uma vergonha! Tais falas viajavam entre meus pensamentos desde muito novo, deixando-me confuso e causando uma constante tristeza que me acompanhou até eu encontrar o autoconhecimento.

Dez anos de idade: “não pode brincar de boneca!”

Onze anos: “não pode pintar a unha, nem de esmalte incolor! ”

Doze anos: “por que você só tem amigas? Vai jogar futebol que nem homem!”

E assim se seguiram os anos. A marca deixada pela punição do desfile que realizei com amigas em uma igreja ainda perdura até hoje. As noites em claro contribuíram para formação de quem sou. Para o fortalecimento da minha personalidade e autoafirmação. Mas não teria sido mais fácil se já tivesse sido aceito desde novo? Se esses questionamentos constantes não tivessem invadido minha cabeça e me tornado uma pessoa insegura e desconfiada? Quem dera meu amigo da quarta série não tivesse sido a minha primeira paixão. Quem dera eu não tivesse que me convencer todas as noites que eu via o menino bonito da oitava série apenas como amigo. Quem dera eu já tivesse nascido certo de quem eu sou.

Lembro que afundava meus pensamentos em livros. Comecei com John Green: amei e sofri com Augustus e Hazel e me apaixonei pela confusão que era Alasca. Interessei-me então por Will&Will, o qual lia com medo de ser repreendido pelos meus pais. Então li As Vantagens de Ser Invisível e me identifiquei tanto com Patrick que

é até triste lembrar. Todas essas leituras vinham com o medo de ser descoberto, de mostrar para todos quem realmente era. “Havia também os filmes: “Jongens”, “ Eu Matei Minha Mãe”, e vários curtas que assistia no youtube e apagava o histórico logo em seguida. Fui crescendo e me fortalecendo, mas sempre na espreita, com medo de “ser” demais ou levantar qualquer tipo de dúvida para quem me rodeava.

Comecei a andar com as pessoas legais do colégio, o que me matava um pouquinho a cada dia. Quando criei coragem para me assumir para uma amiga, ouvi que eu “ia pro inferno sim, a não ser que não praticasse.” “Pode até beijar na boca, mas se fizer sexo vai direto para o inferno” disse ela. Tornei essa a minha verdade por um tempo, até que percebi que jamais poderia ser condenado por ser quem sou. Afastei-me dessas amizades e hoje sou rodeado de pessoas incríveis – de militantes politizados a lésbicas fãs de animes. Acho que minhas amizades foram essenciais para a construção do meu “eu”.

Todos temos demônios. Dias chuvosos que nos invadem e deixam a nossa visão de futuro turva. Comentários maldosos, olhares mal-encarados, essa é a existência de um adolescente LGBTQ+. É andar em fogo, mas se abrigar em lugares incríveis e reconfortantes. A resistência é forte e as pessoas que encontramos no caminho são de uma luz inigualável. Afinal, todas essas experiências nos transformam de uma forma única e tornam cada um de nós seres especiais: estrelas que, juntas, formam constelações que emanam luz e guiam milhares na escuridão. As estrelas de arco-íris tão aqui pra ficar, né não?

Felipe*, 16 anos, gay, Amazonas.

HOMEM DE VERDADE

Me sinto trancado, deslocado.

Me sinto estranho, diferenciado.

Me sinto um cofre fechado, com um código a ser decifrado.

Eu sei que sou homem, por que não me ouvem?

Me chamam de ela, um bela moça, linda e recatada. Como a Cinderela?

Não sou princesa da Disney, estou bem longe de príncipe também. Sou louco, fanático, doente, me internem então.

Existe homem de buceta?

Ou eu tenho problema de cabeça?

"Só tem homem e mulher, essa é a lei da vida, obedeça."

Não sou uma "sapatão" querendo aparecer, não.

Sou um homem, tão homem quanto qualquer um!

Não te devo desculpa por ser diferente

Sou rebelde por ser quem sou?

Sou um homem com T, e serei cada dia mais homem daqui pra frente.

Cauã*, 17 anos, trans, Bahia.



Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

MORENA

Por muito tempo vivi numa escuridão
Me enlacei nos braços de um homem, morena
Procurando teu abraço
Mas não tinha nó que pudesse me manter amarrada
Quando eu só queria ser a tua namorada.
E não importava quantas flores, agrados e amores me oferecessem
Era apenas no nó de teus cachos que eu queria me amarrar
Muitos me ofereceram a mão para guiar meus passos
Mas não adianta, morena, só encontro meu chamego em teus braços.

Camila*, 15 anos, lésbica, Pernambuco.



Camila Herrero, 18 anos, bissexual, Distrito Federal

B

Eu sou o B daquelas 4 letras,
Eu sou um entre tantos,
Não me importa os gêneros,
Me importa os encantos.

Eu sou o B daquelas 4 letras,
O "confuso" e "banal",
Me importa o amor
E não o órgão sexual.

Eu sou o B daquelas 4 letras,
E tenho pouca idade,
Dizem "é só uma fase"
Mas é minha verdade.

Eu sou o B daquelas 4 letras,
Demorei me encontrar.
O que espero no futuro?
Liberdade para amar.

Gabriel*, 17 anos, bissexual, São Paulo.

AINDA HOJE

Eu fiz dezesseis anos no mês de maio, sou gay e entrei no armário aos quatro anos, quando me apaixonei perdidamente pelo príncipe da pequena sereia.

A saída não foi tão animada, digo que até que foi precoce: aos treze anos tive minhas redes sociais invadidas pelo meu irmão mais velho que denunciou minha sexualidade para minha avó, minha responsável desde que tenho lembranças. Foi aí que meu pesadelo começou: minha avó iniciou seus “métodos de libertação”. Esporros diários, orações em voz alta, correção de trejeitos, jejuns obrigatórios e tantos outros.

No final de 2016, quando eu ainda tinha quinze anos, me cansei de tudo e vomitei meus sonhos, meus sentimentos verdadeiros, meu “eu” aos pés dela, e fui chutado para a casa da minha mãe, que também me chutou para a casa do meu pai, e quando ele ameaçou me chutar para a rua, enfraqueci e decidi me submeter à vida com minha avó novamente, onde permaneço até os dias de hoje e quem sabe até quando mais...

Paulo*, 16 anos, gay, Bahia.

AMO VOCÊ

Eu vou aproveitar esse momento pra dizer
Sou apaixonada por você
E toda vez que você me olha
A parte ruim da vida evapora
Suas mãos tocam no meu corpo
Vem um sentimento louco
Vontade de te agarrar pra sempre
Querendo te ver sempre contente.
Esse mundo é muito pequeno pra você
Assim como o meu sentimento é muito grande pra esconder
Eu vou segurar sua mão
Pra conquistar esse mundão
Porque com essa mãozinha linda
Na minha mãozinha linda
Não tem pedra grande o suficiente no nosso caminho que a gente não
consiga passar por cima.

Raissa*, 17 anos, bissexual, São Paulo.

PARA BELY

Quero sentir tua pele, quero viver teus sentidos comigo. Quero colher flores com você e observar tua expressão enquanto grudamos cada flor nos meus cabelos indefinidos. Vou amar você em cada detalhe, em cada defeito. Amarei todos os seus, sua bochecha, e o modo que seus olhos fecham quando você sorri. Amarei tocar em seus cabelos e suas espinhas também, amarei cada curva sua. Amarei correr pra te abraçar, e você me levantará, mesmo sendo um cadinho mais baixa que eu.

Será eterno sim, enquanto durar, assim como diz seu poema preferido. Falando em poemas, quero dizer que é claro que te acho linda e em ti bendigo o amor das coisas simples. E sim, eu te amo! Não sei o que o futuro espera de nós, não sei se nossos caminhos serão "nossos" até o fim, mas o sentimento é real, e por isso já deu certo, meu carinho, minha vida, você me fez crescer. Eu gosto mesmo de você.

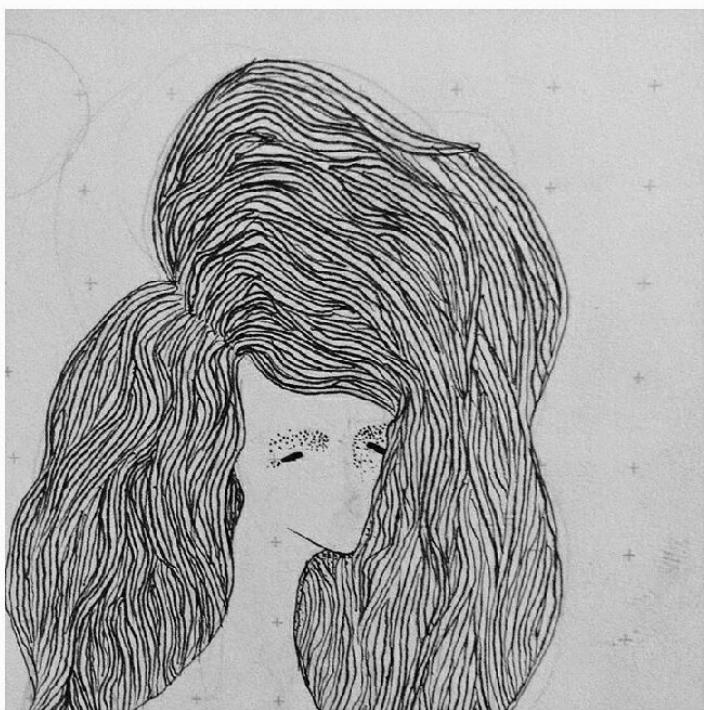
Me deixa prometer que vou te acordar todo dia com todos os afetos do mundo, quero prometer te guardar no meu abraço por um tempão. Posso prometer trazer uma nova forma de enxergar o mundo quase todo dia? Me deixa ser feliz com você e transbordar amor por onde a gente passar?

Any*, 17 anos, bissexual, Rio de Janeiro.

MARES

Eu
desci
abaixo no meu peito
no meu mar sem consentimento
cheio de perguntas estava
busquei me encontrar
tentei relevar os erros e os rumores
busquei não ligar
ignorar minhas idéias erradas
e meus pensamentos nada certos
ao me ver lá, só vi mais dúvidas
só achei mais perguntas
então relevo e comigo levo
nada foi respondido
muito menos esclarecido
só sinto-me perder mais
cada vez mais nado ao fim
afim de calmos mares
sem tremores, sem raios e muito menos amores.

Jô*, 17 anos, Pansexual, Rio Grande do Sul.



Ruan*, 18 anos, gay, Distrito Federal

JUNO E O MEU ARMÁRIO

A história que vou contar a vocês, caros leitores, é sobre como eu me assumi gay para meus pais e como filmes me ajudaram nesse processo.

Domingo, 4 de setembro de 2016

Estávamos sentados na sala de estar, assistindo na TV uma reportagem que discutia relação entre mãe e filha, um dos temas debatidos foi “o primeiro beijo”. Sem rodeios, meus pais perguntaram se eu já tinha beijado. Sem pensar muito, respondi que sim, claro. Segundos depois me arrependi profundamente, bombardeios de perguntas caíram para cima de mim, “quem você beijou?”, “nós a conhecemos?”, “qual o nome dela?”. Decidi que minha resposta seria o silêncio, apesar do constrangimento que isso causou, tinha medo de sair do armário naquela ocasião, não estava preparado psicologicamente para tudo que iria enfrentar.

Nos dois dias seguintes após esse episódio, fiquei remoendo em meus pensamentos o que tinha acontecido, estava muito aflito, eles sabiam que seu filho já tinha perdido o famoso BVL (abreviação da expressão Boca Virgem de Língua), mas não sabiam quando e nem com quem tinha dado o primeiro beijo. Aquilo não estava certo: algo me dizia que filhos heterossexuais geralmente não escondem (e nem precisam esconder) suas paixões e amores de seus pais, por que então eu deveria esconder minha vida amorosa daqueles que me amaram desde o dia em que dei meu primeiro respiro na Terra? Eu estava decidido, iria me assumir para meus pais.

Na quarta-feira da mesma semana, feriado nacional, decidi assistir filme junto com meus pais, nunca fomos de fazer muito isso, mas a narrativa do longa-metragem prendeu a atenção de todos nós: era “Juno”, filme que retrata a vida de uma adolescente que tem que passar por momentos críticos e decisivos em sua vida após descobrir que está grávida; essa personagem ganha vida sendo interpretada de maneira tão bela e singela pela atriz Ellen Page. Em uma das cenas acontece o temido momento de dizer aos pais o que se passava com

ela, e a forma como Juno contou que estava grávida fora algo bem inspirador. A adolescente estava morta de medo, mas esse sentimento não a impediu de dizer o que estava acontecendo em sua vida.

Consumir séries, filmes e livros, além de acompanhar canais na internet que abordavam a temática LGBT, foram coisas que me ajudaram a compreender que tudo estava certo comigo, errado mesmo era o ódio que nossa comunidade infelizmente tem que enfrentar das pessoas dia após dia, apenas por ser quem somos.

Mais tarde naquele mesmo feriado, após algumas pesquisas sobre o filme “Juno”, descobri que em 2014, a atriz Ellen Page tinha se assumido lésbica em uma conferência que apoiava a comunidade LGBT. Assistindo o discurso dela fiquei mais inspirado para a decisão que estava prestes a tomar. No calor do momento, arrumei minhas roupas e guardei o dinheiro que tinha juntado naquele ano. Se fosse expulso de casa pelos meus pais, pelo menos teria como me sustentar sozinho por alguns dias. Conversava pelo celular com uma amiga (a primeira pessoa para quem tinha contado sobre minha sexualidade), naquele momento, precisava de apoio, mesmo ele vindo do mundo virtual.

Tinha chegado o momento, sentei no sofá ao lado de meus pais e fiquei calado por alguns minutos olhando a TV, nervoso demais para entender o que se passava naquela tela. Lentamente, inspirando e expirando, percebi que naquele momento eu não era apenas o Luan*, parte de mim também era Juno, era Ellen Page, era todos os personagens LGBT ao qual já tinha visto ou ouvido falar, era todas as pessoas que já lutaram ou lutam pela causa, naquele momento eu senti que a comunidade LGBT inteira estava comigo. Com toda coragem reunida, disse que tinha algo a contar: “Eu os amo e é por isso que vou dizer o que aflige meu coração e que há tempos eu escondo de vocês, sou gay.”

Não, meus pais não me expulsaram de casa, eles disseram que nunca tinham suspeitado e que não me amariam menos por isso. Lágrimas rolaram e me senti mais amado que nunca pelos meus pais. Naquela mesma noite, até mostrei foto dos meus “paqueras” para eles.

Infelizmente sei que minha história é exceção da exceção, mesmo o ano sendo 2017, pais de todo o Brasil continuam a expulsar filhos não

heterossexuais de casa, além do fato de que um LGBT é assassinado a cada 25 horas no nosso país. Sair do armário para os pais é algo complicado e muitas vezes doloroso.

Aos que ainda não contaram, saiba que não existe o momento ideal para contar, mas que você deve pensar muito bem antes de tomar uma decisão como a que eu tomei. Minha jornada antes e depois do acontecimento não foi e nem está sendo fácil, mas vou seguindo a vida, sabendo que terei apoio de milhares de pessoas como eu, pessoas escrevendo livros, dirigindo filmes, séries, criando conteúdos em canais na internet, lutando nas ruas e também nas redes sociais. Podem dizer o que for de nós, mas uma coisa é certa, não estamos sós nessa luta! Muito obrigado, Juno!

“A verdadeira violência, a violência que eu percebi que era indesculpável, é a violência que fazemos com nós mesmos, quando temos medo de ser quem realmente somos.” – Nomi Marks, da série Sense8.

Luan*, 17 anos, gay, São Paulo.

BICHA PRETA

Eu sou bicha
Eu sou preta.
Eu sou bicha e sou preta.

Eu sou bicha,
nasci pra assustar os conservadores.
Eu sou preta,
nasci pra quebrar os estereótipos.

Eu sou preta,
meu nariz é grande, meus lábios são grossos e meu corpo é África.
Eu sou bicha,
eu sou preta,
eu sou periférica.

Bicha
Preta
Gorda e periférica.
Sou tudo o que a sociedade não quer e abomina.

Meu cabelo é duro,
minha alma tá no quilombo.
Meu corpo tá no terreiro.

Sou bicha
Preta
Gorda e periférica.
"Não recomendado"
Sou mesmo é viado.

Sou bicha,
preta,
gorda e periférica,
maconheira,

feminista,
indía,
viado,
trans.

Eu sou bi,
lésbica,
sou pan
sou mulher.

Eu sou bicha
Preta
Gorda e periférica.
Eu sou mesmo é o que eu quiser.

Bicha de todas as cores,
branca, preta ou amarela.

Eu sou bicha,
Preta, gorda e periférica.

Eu sou luta, sangue negro pulsa nas minhas veias.
Eu, preta, gorda e periférica.
Tenho voz pra gritar
E força pra lutar.

PRETA
BICHA
GORDA E PERIFÉRICA!

Yara*, 17 anos, transgênero, Goiás.

PARA TODOS OUVIREM

Eu realmente não sei como começar esse texto. Talvez com um fato iminente? Eu sou bi. Eu deixo você levar algum tempo para pensar nisto. Pensou? Então vamos lá.

Com apenas treze anos de idade eu assumi a minha orientação sexual, que no caso não foi muito bem aceita por aqueles que me rodeiam.

Alguém que se assume toma um passo à frente por todos os que ainda estão escondidos, nas sombras da sociedade. É um ato de coragem? É um ato heróico? Certamente que não. É apenas falar o que o coração já compreendeu, e o que a mente já entendeu, mas porque ainda é tão banal para alguns?

Quando eu me assumi recebi muitos comentários de crítica:
"É muito nova para decidir isto"
"É apenas uma fase"

Não, não era e nunca foi. Porém, todos já falaram isso para mim. Toda pessoa LGBT já teve que lidar e engolir essas frases e algumas piores. Nunca sofri nenhuma agressão física, ainda. Porém venho falar em nome de todos.

Não, você não nasceu "errado", não é um "pecado", não é "sem vergonha", não é para "chamar atenção".

Acho que todos devemos repetir isso para alguém: Você é maravilhoso/a do jeito que é. Lésbica, gay, bi, trans, pan, hetero. Não importa se é magra, gorda, baixa ou alta. Você é perfeita, não interessa de quem você gosta ou deixa de gostar.

Poliana*, 14 anos, bissexual, Rio Grande do Sul.



Sérgio*, 16 anos, gay, Distrito Federal

ELA

A mulher da madrugada.

Aquela morta e largada ao relento pela fria morte.

Etérea, levada arrastada pela carruagem de sangue com alabastro de ferro acabado.

Desumanamente transformada em exposição de carne podre para a alegria da burguesia comedora de carnificina humana.

Canibais, assassinos.

Comem a mente,

sugam a alma.

Ela

Caminha noite adentro

nua e sedutora, um fio de ouro levado pelo vento.

Desejo latente, sente na libido daqueles que a destroçam com os dentes afiados.

Gritando a plenos pulmões,

afogou-se na poça de si que surgiu na alvorada.

Era amor o que sentiam pelo seu corpo nu e queimado pelas cinzas de seus cigarros.

Yara*, 17 anos, transgênero, Goiás.

UM POUCO DE MIM

Eu sempre pensei que me desenvolvia mais rápido que as outras crianças. Isso me fez descobrir minha identidade LGBT talvez mais cedo do que a maioria dos adolescentes. Eu me percebi LGBT aos 12 anos, quando comecei a gostar definitivamente de uma amiga virtual minha. Para minha sorte, ela também fazia parte da comunidade LGBT, sendo pansexual.

Minha vida mudou para pior no final do ano que me descobri. Alguns garotos da minha sala stalkearam minhas redes sociais e descobriram que eu era LGBT. Começaram a pegar no meu pé, fazer brincadeiras de mau gosto comigo, além de me ofender com coisas como “sapatona” e “volta pro útero e vê se vem certa agora”.

Um dia jogaram uma pedra na minha cabeça com um papel escrito “lésbica do caralh*”. Tive que ir ao hospital e minha mãe perguntou o que havia acontecido e eu só disse que havia caído no chão. Eu sofri em silêncio, tentei me acostumar com essa vida, mas eles nunca paravam.

Depois de um tempo, eu tinha cansado! Joguei a merd* no ventilador e me assumi. Quando os garotos descobriram que aquilo que eles faziam já não me afetava, eles pararam completamente.

Hoje eu tenho 15 anos, sou feliz e tenho orgulho de quem sou. Não namoro minha crush até porque moramos longe, mas tenho planos para que um dia nos encontremos!

Viviane*, 15 anos, LGBT.

APAIXONADA

Eu vou aproveitar esse momento pra dizer
Sou apaixonada por você
E toda vez que você me olha
A parte ruim da vida evapora
Suas mãos tocam no meu corpo
Vem um sentimento louco
Vontade de te agarrar pra sempre
Querendo te ver sempre contente.
Esse mundo é muito pequeno pra você
Assim como o meu sentimento é muito grande pra esconder
Eu vou segurar sua mão
Pra conquistar esse mundão
Porque com essa mãozinha linda
Na minha mãozinha linda
Não tem pedra grande o suficiente no nosso caminho que a gente não
consiga passar por cima.

Raissa*, 17 anos, bissexual, São Paulo.



Talita Manfred, 17 anos, bissexual, São Paulo.

LUTO

Sinto repulsa da sociedade de hoje e não gosto de lembrar que eu
ainda tenho que lutar

Porque antes de mim já tinha sangue a se derramar
Mortes que foram esquecidas, apagadas e manipuladas
Porque hoje em dia

A carne mais barata do mercado é a carne negra....é a carne de
mulheres, pobres, lésbicas, gays, bis e trans

E por falar em trans
Descanse em paz, Dandara
Que tua morte vai ser lembrada

Te carrego como mais uma que morreu por nós
Carrego com orgulho no sangue, no corpo e na alma
Porque se ando de mãos dadas com menina sou fofo, agora se ando de
mãos dadas com menino sou morto?!

Se eu falo “te amo” em público pra menina, é só mais um amor
anônimo

Agora se for para um menino sou demônio?!

Ainda falando sobre minha repulsa
O que mais me machuca é saber que enquanto eu tô aqui
Tentando fazer alguém acordar

Tem gente que tá indo exaltar discurso de ódio
Que quando terminar de falar

Vai ser aclamado como mito e virar rei do mundo
Então se eu tiver que lutar para que meus filhos, seus filhos e os filhos
dos filhos

Possam ter o direito de ir e vir, o direito de ser
Eu vou lutar

Então pode continuar
Mesmo sabendo que me dói...suas palavras, piadas e ações também

Mas fique sabendo que se recebo dor te devolvo amor

Então deixo essas palavras em seu coração

Que elas floresçam como flor

E que você mude para melhor, mude como for

Mas que mude por amor.

Nicolas*, 17 anos, bissexual, Rio de Janeiro.

DONA DIRCE

Cresci com vovó;
A quem eu deposito todo o meu amor e carinho;
Criança, atribuí a proteção tudo o que ela me cercou;
Sempre atenciosa, foi responsável pela minha alfabetização e formação;
Formação que temo;
Formação que corro, que fujo;
Formação que com a união de duas épocas muito diferentes me trouxe infelicidade;
Dona Dirce nunca quis me machucar, e sem o uso da força, com o que a vida tinha lhe ensinado, de modo inocente, me prendeu;
Vovó me levava três vezes por semana na igreja, controlava minhas ações, meus trejeitos, o tom da minha fina voz infantil e minhas brincadeiras em um tempo que eu não via a maldade apontada em mim;
ME FECHEI;
Tudo o que eu era, tudo o que eu podia ser, foi escondido de mim;
Sei que não era sua intenção;
ME FECHEI;
Minha cabeça já feita, sofreu em constante crise de identidade;
ME FECHEI;
A projeção de vovó agora andava e falava como robô;
O robô que a sociedade esperava, e infelizmente fez ela esperar;
ME FECHEI;
Sem saber quem eu era, do que gostava e porque inerte estava;
ME FECHEI;
E com nove aninhos já tinha consciência do quão mais precisava me fechar pra vovó ser feliz;
FECHADO?
Dona Dirce nunca saberá o que fez
FECHADA?

Vitor*, 16 anos, polisssexual, Paraná.

MEU COTIDIANO

Sempre se fala sobre conviver com as diferenças. Sempre se fala sobre o quão importante é que todas as pessoas aprendam a conviver, não importa quem somos, de onde viemos, como somos ou quem amamos.

A primeira vez que eu fui entender porque se fala tanto nisso, foi no primeiro ano na minha atual escola. Eu não tinha mais as minhas salas minúsculas nem meus oito colegas de sala. Meu lugar! O lugar em que todos os professores sabiam os nomes de todos os alunos e como eles se saíam em cada matéria foi substituído por trinta ou mais crianças por sala, três andares e uma camisa polo desconfortável como uniforme.

Eu não fiz amigos, eu sentei na frente, não entendi a matéria no quadro naquele primeiro dia, mas eu prestei atenção em tudo. Eu prestei atenção nos azulejos brancos que me incomodavam, na grama artificial, nos tênis esquisitos que todo mundo usava e no quão embaraçado meu cabelo estava - ainda longo naquela época - se comparado ao das meninas da classe. Eu prestei atenção no quanto os meninos da sala gritavam, e em quando alguém gritou para um deles e disse que ele era um “viado” e em como o sorriso desconfortável dele me pareceu constrangido.

Quatro anos depois, eu ainda presto atenção nisso.

O sorriso desconfortável, os olhares constrangidos, como todo mundo me olhou quando eu cortei o cabelo e também como, na semana passada, o representante da sala inventou um novo modo de tentar ofender os amigos, perguntando, em meio a risadas, se eles são “travestis”.

Eu não entendo porque eu convivo com essas pessoas, mas elas não convivem comigo. Eu venho abaixando minha cabeça, sorrindo amarelo, me escondendo no banheiro para chorar, e eu venho achando que esse é meu modo de conviver, mas como pode ser assim se me machuca?

Alunos, alguns professores e coordenadores usaram e usam minha sexualidade e meu gênero como forma de piada; fui apelidado de

“sapatão” e “traveco”; meus amigos pararam de falar comigo depois que pedi por pronomes masculinos; em briga de adolescentes usam minhas identidades e cicatrizes como ofensas venenosas e já me disseram, com tom de quem espera um agradecimento desesperado, que me “toleram” na sala de aula. Nada disso foi convivência.

Não é justo ensinarmos os oprimidos o quanto importante é que eles convivam pacificamente com os opressores, ainda mais se essa convivência envolve feridas sendo abertas e cabeças abaixadas.

Se convivência envolve paz, não é convivência quando cria uma guerra dentro de você.

Tainã*, 16 anos, pansexual, Pernambuco.

MULHER

mulher
no nascimento
mulher
é como a sociedade me chama

e isso me confunde no desenvolvimento
da minha própria trama

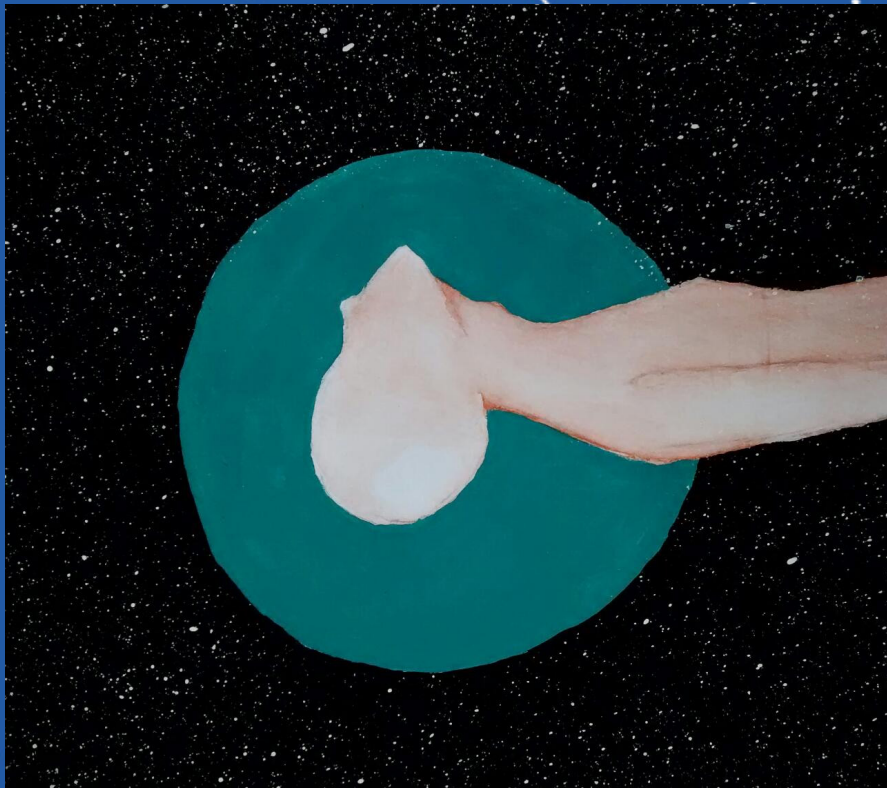
não caibo na palavra
mulher
ao menos não da forma que ela a mim é aplicada

em mim há muito mais pra ver
além do que eu sou taxada
(mulher)

da próxima vez
que me perguntarem
"é homem ou mulher?"
(que bicho que é?)

serei obrigado a responder
nem homem, nem mulher
um ser-humano qualquer
eu sou o que eu quiser.

Kyola*, 17 anos, bissexual ,Distrito Federal.



Rafael Santz, 18 anos, gay, Distrito Federal

SOMOS INCRÍVEIS

Eu estou escrevendo isso e chorando.

Sempre foi difícil para mim saber que eu era diferente e ainda ter passar todos os feriados com pessoas que faziam comentários homofóbicos, e “brincavam” dizendo que era “falta de surra”. Juro que eu tentava gritar que não era nada disso, porque “surra” na rua eu levei muita.

Com oito anos eu fiquei com a primeira menininha e foi incrível : o primeiro beijo perfeito! Na inocência eu fui contar para minha professora e foi quando senti o preconceito pela primeira vez. Como todas as meninas tomavam banho juntas, ela começou a me colocar separada; não deixava eu comer com as meninas e queria me ensinar a jogar bola de qualquer jeito!!! Eu saí de lá com a certeza de que tinha feito algo de errado e estava pagando pelo meu erro.

Quando eu tinha treze anos meus pais me viram beijando uma menina, me puxaram pelos cabelos no meio da rua, dizendo coisas como “não criei filha pra ser sapatão”. Doeu muito!

No mesmo ano, todo mundo já sabia que eu era LGBT, e foi assim que o inferno começou. A família cortou contato; xingamentos e agressões todos os dias no colégio, e ainda tive que mudar de colégio, mas a perseguição continuou.

Com quatorze anos eu fui empurrada de uma escada porque estava namorando com uma menina. Passou um tempo e as agressões diminuíram, mas não os xingamentos. No começo desse ano, eu e minha ex estávamos no shopping e fomos comprar uma roupa. O atendente da loja se negou a nos atender com a justificativa de “não atendo esse tipo de gente”. Um tempo depois fui agredida na porta da escola junto com minha namorada. As marcas físicas saíram, mas ainda convivo com a dor emocional.

Eu aprendi que eu sou assim, e ninguém vai me mudar. Tudo o que eu sofri até hoje foi para entender que o mundo que vivemos tem que melhorar muito, e também me mostrou a força que eu tenho e não sabia.

Foram várias tentativas de suicídio e anos me machucando e me

cortando diariamente. Hoje eu digo que mesmo que eu apanhe na rua, eu sou incrível e nunca foi ou será minha culpa! SOMOS INCRÍVEIS!
[Fora temer]

Gabriela*, 15 anos, lésbica, Alagoas.

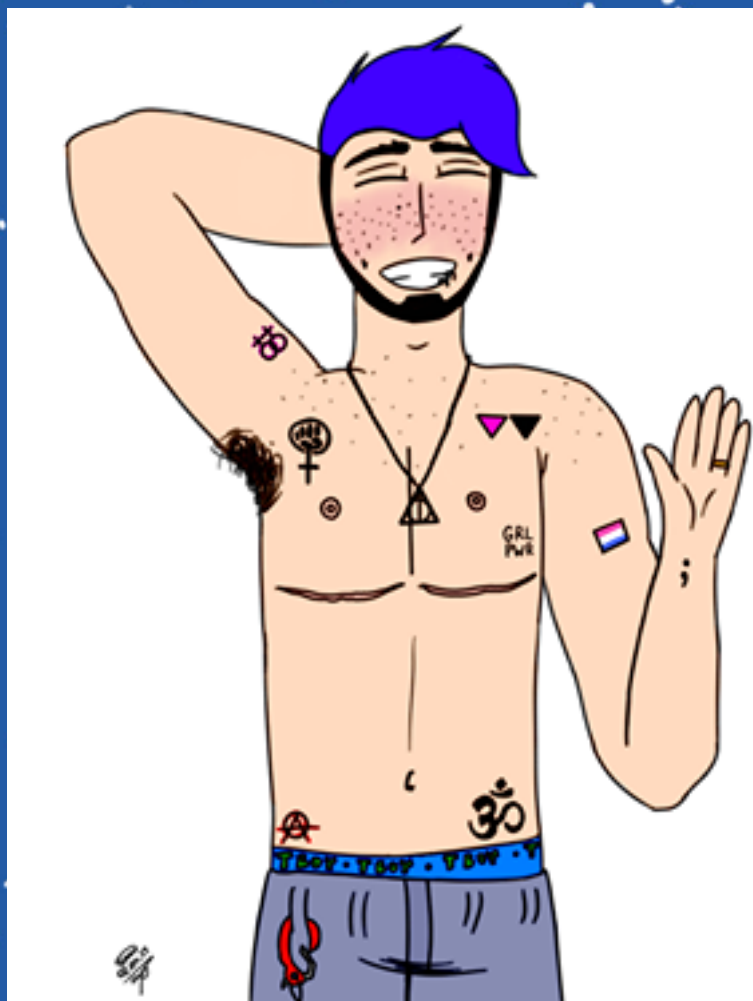
DESCOBERTO

Alterado, transformado, mudado, modificado
Sentir-se diferente não é errado.
Não é incerteza,
Nem tampouco demência.

Não é indefinição, titubeação, irresolução, perturbação
Amar é uma ação feita com o coração
Não é uma opção,
E sim uma orientação.

Amar não é preconceito,
Não é de qualquer jeito
Aceitar-se é saber que a qualquer modo,
Sua vida será cheia de feitos.
Amar deve ser conjugado no imperativo
Como um conselho
Que sempre terá um princípio
Mas nunca terá um desfecho.

Anna*, 16 anos, bissexual, São Paulo.



Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

08 DE AGOSTO DE 2015

11:25

Fazia calor. Eu estava indo com uns amigos em uma loja de confecção para ver se as roupas da interclasse estavam prontas. Chegando lá, olhei diretamente pra uma pessoa. Não a conhecia, só sei que olhei fixamente nos olhos dela por segundos, assim como ela também. Assim que virei as costas e saí da loja, eu senti que estava profundamente apaixonado. Era complicado. Como assim? Me apaixonar por uma pessoa que nem se quer conhecia o nome. Chegando em casa, abri meu whatsapp, lá estava uma mensagem dessa pessoa, e foi ali que tudo começou. Tivemos uma amizade linda, várias histórias a serem contadas, aquela música que até hoje escuto (“meu novo mundo”, que você me enviou, lembra?). Depois de um certo tempo, descobri que na verdade aquela pessoa era mais próxima do que nunca: era primo de minha melhor amiga. Mas o que eu faria? Como ter certeza que esse sentimento era recíproco? Como saber se ele também era homossexual?

O tempo foi passando e por vários motivos, tivemos que encerrar tudo. A mãe dele é muito homofóbica e o proibiu de manter contato comigo. Aquilo me destruiu. O que eu poderia fazer? Não era assumido. Fiquei doente e triste. Por 3 meses aguentei aquela dor, até que no início de janeiro eu contei para minha melhor amiga o que eu sentia, e pra minha surpresa: aquele sentimento era recíproco. Foi uma felicidade e tanto! Passaram-se alguns dias até que nos encontramos e aconteceu o primeiro beijo. Que coisa maravilhosa! Nunca me esquecerei daquele dia. Foram meses de felicidade, passamos momentos incríveis juntos, passamos por dificuldades, riscos, várias saídas às escondidas, mas tudo valeu a pena. Certo tempo depois, tomei a decisão de me assumir. No começo tive muito medo, mas minha família me aceitou. Minha família me amou do jeito que eu era. Mas ele continuava com muito medo, porque sabia como era sua mãe.

Em meados de agosto, por um descuido, uma mensagem estragou tudo: sua mãe descobriu do nosso relacionamento. Foi horrível! Ele apanhou muito e ficamos sem nos ver por uma semana.

Ele me encontrou na escola, me abraçou, me beijou, e disse que não me deixaria e que iríamos enfrentar juntos aquela situação.

27 de dezembro de 2016

Sua mãe descobriu novamente. Mais furiosa que nunca, ela estava determinada a pôr um fim no nosso relacionamento de uma vez por todas. Ele apanhou, eu fui ameaçado e ela fez com que ele virasse "hétero". Hoje não passamos de dois desconhecidos. Ainda o amo do mesmo jeito, desde aquele primeiro dia. Hoje ele namora uma menina e parece estar feliz. "Parece". E eu continuo aqui esperando pelo dia em que tudo vai se resolver e você vai voltar pra mim e dizer "eu te amo" de novo!

Álvaro*, 15 anos, gay, Minas Gerais.

SOL LUA

Fui caminhando em direção ao sol, mesmo preferindo a lua. Você apareceu, mostrando ser melhor do que eu. Segui suas instruções e foi ali que me perdi. Você me faz perder a cabeça, então me diga logo o que eu sou, antes que eu esqueça. Grite meu nome mais alto pra que eu possa ouvir. Mesmo não querendo eu vou te seguir. Você me diz que para alcançar o céu, preciso caminhar onde há luz. Mas se você soubesse que pra mim, alcançar o céu sem ir à lua é pior que o inferno, você me deixaria ir?

Ana Clara*, 13 anos, bissexual, Santa Catarina.

PARA VC TAMBÉM QUEBRAR



NÃO, EU NÃO PRECISO EMAGRECER.

ERA PARA EU GOSTAR DE ESTAR ASSIM

ASSIM COMO EU TÔ

POR QUE NÃO TEM NADA DE ERRADO...

QUEM COLOCOU ESSAS VOZES AQUI?

QUEM PLANTOU ESSES DESEJOS EM MIM?

NÃO ME DIGA PARA MUDAR DE FORMA

"SAUDÁVEL", PORQUE EU NÃO PRECISO MUDAR.

EU SOU PERFEITA ASSIM.

MAS TENTA CONTA-
R ISSO PRAS
ESSAS MINHAS DOENÇAS...



Quem é você?

Quem te moldou?

Como veio parar aqui?

Quem tenta te salvar?

Você já desistiu?

É tudo de mentira?

Você está realmente viva?

Você respira todo dia?

O que te trouxe?

Já tentou escapar?

Você quer ajuda?

Você tem medo?

QUE TUDO ISSO

VAI E VOLTA EUSEI

ÀS VEZES EU QUASE
ME SINTO NORMAL

E TUDO PARECE
FÁCIL DE ENGOIAR

MAS BASTA DEIXAR

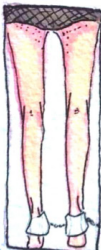
ENTRAR PRA QUERER

DEIXAR SAIR...

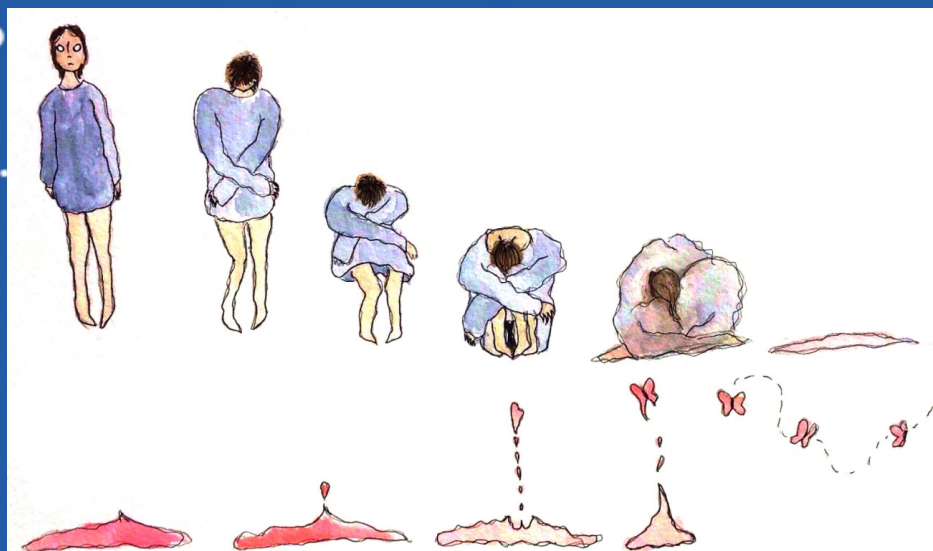


Me sinto presa...

O QUE ME PRENDE
EU JÁ NÃO SEI
MAIS...



A GENTE SE ACOSTUMA
A NÃO VER AS ALGEMAS...



Laura de Kundera, 18 anos, bissexual, Minas Gerais.
Quadrinhos feitos quando a autora tinha 15 anos.

O PRIMEIRO DIA DA MINHA VIDA

era outubro e chovia
era o friozinho mais gostoso que eu já havia sentido
no clima e dentro de mim.
sem maldade nenhuma
sem intenção alguma
lá estava eu
e ela
dentro de 15 metros quadrados
sem planejamentos.
eu a via da forma mais pura
e existia algum magnetismo
que eu ainda não podia entender
eu não conseguia entender
e ela sabia mais do que eu.
estava perto demais
eu podia sentir
o calor da respiração dela
e podia sentir um panapaná
dentro do meu corpo inteiro.
eu não sabia de mais nada
quando ela encostou sua boca
na minha
num gesto inseguro
até que eu pudesse raciocinar
e enfim corresponder.
eu não sabia se era certo
eu não sabia se eu podia
eu não sabia se daria errado
eu não sabia nem o meu nome
mas eu sabia que enfim
algo fazia mais sentido.
eu beijei uma garota
e nenhum raio caiu sobre mim

eu não me senti uma pessoa ruim
eu não me senti errada.
saí de lá como se tivesse finalmente
me encontrado
me entendido
me conformado com o fato
com o meu suposto erro
de ser o que sou.
ainda chovia
eu mal conseguia segurar
o guarda chuva
a mochila
o riso.
e tudo era mais bonito.
o vento quase me levava
mas as borboletas continuavam ali
firmes e fortes.
cores que eu não havia visto
agora eu via.
sons que eu não identificava
eu poderia dançar.
tudo era mais bonito
e nada parecia errado.
e ninguém pode dizer que é errado.
eu estava ali
inteira pela primeira vez
e todo amor que havia em mim
foi despertado.
amor.
é só amor.

Letícia Antunes, 17 anos, pansexual, Minas Gerais.

MÃE

Desde pequena fui criada para ser o contrário do que eu sou. Eu gostava de roupas despojadas, cores escuras e brincadeira mais radicais, mas papai e mamãe achavam que roupas apertadas, cores de “menina” e bonecas eram mais apropriados para a “princesinha” deles. O grande problema era que eu não queria ser uma princesa, eu queria ser a guerreira Mulan ou a viúva negra dos quadrinhos. E assim eu fui crescendo, enquanto tinha várias brigas sobre isso com minha família. Talvez seja só um estereótipo da minha sexualidade, mas esse era o real medo da minha mãe: me ver vestida “como garoto”.

Conforme fui crescendo, passei a odiar quem eu era, por gostar do que eu gostava e usar o que eu usava. Tentei me forçar a ser como aquelas garotas que eu andava no grupo de dança, e lá no fundo eu tentava sentir algum fio de atração por meninos. Passei cinco anos tentando ser o inverso do que sou hoje, me sentindo vazia, fria e desumana comigo mesma.

Com muito custo, um dia eu entendi que não havia mal em amar garotas e ser quem eu era. Eu me abri para a minha melhor amiga, que me aceitou e me ajudou muito, apesar de também ser responsável por me arrancar do armário de uma maneira dolorosa.

Sair do armário também significou perder muitos daqueles que eu considerava amigos e sentir que eu não podia confiar em quase ninguém. Foi horrível na época, mas hoje eu sei que essa situação me ajudou a crescer muito.

No meio de uma briga eu disse pra minha mãe: “eu sou lésbica e não tem nada que você possa fazer pra mudar!”. Eu acho que naquele momento todo o mundo dela se quebrou em pedaços e ela repetiu por meses que um dia eu encontraria um garoto que ia me amar e me sustentar. Nesses momentos, eu sentia como se eu fosse me desmanchar em pedaços. Se nem minha mãe era capaz de me amar do jeito que sou, quem mais seria?

Eu encontrei uma garota que me amou por mais de um ano e ficou do meu lado durante todas as minhas fases de personalidade e mudanças de aparência. E então, ao ver minha felicidade, minha mãe

pode entender quão natural era e me deixar ser quem eu sempre quis ser. Tenho certeza que me amar dessa forma foi o melhor presente que ela poderia me dar!

Milena*, 16 anos, lésbica, Paraná.

MINHA PRÓPRIA LUZ

Nos corredores frios e mal iluminados, passei meus dias como uma verdadeira escrava do sistema educacional. O cinismo e a crueldade reinavam naquele local, o diferente e original eram demoníacos. Bom era ser igual, padrão. A adolescência era a fase das descobertas, eles diziam, mas desde que fossem dentro daquela caixinha de preceitos. Se qualquer um ousasse sair daquela ridícula linha de produção, era descartado, julgado, abandonado. Infelizmente nunca fui boa em fingir competência para ser parâmetro.

A descoberta do ser, do meu ser, era algo assustador. Saber quem sou é pesadelo, pois sempre soube que o certo era não ser eu.

Sou errada.

Erroneamente transtornada,
eles me chamam de perturbada, vadia, doente, puta. Mulher serve
para servir.

Um grito de socorro ecoava em minha mente, mas preferia ignorar.
Tentava me lembrar do meu papel.

Sou mulher, sou deles, preciso de um homem para amar. Sou puta,
sou santa, sou mulher, sou de deus.

Eles mandam em mim e só pode ser assim. Não poderia haver outro
jeito de ser, minha identidade deveria ser escondida, encoberta. Amar
outra mulher era pecado, meu pesadelo e maior desejo.

Aqueles corredores me ensinaram a temer minha essência.
O clima hostil e violento me fez guardar o mais profundo possível o
meu eu.

Tranquei-me a sete chaves, escondi no lugar mais secreto que achei.
Fingi ser outra.

Era doloroso, mas seguro. A minha outra eu, a verdadeira, não via
nem a luz do dia, era secreta, meu maior segredo.
Pelo menos estava a salvo dos monstros diários que teria de enfrentar.
E o mais importante, estava segura de mim mesma.

Chegou um momento em que me vi sozinha. E me vi por completo,

até a parte que tentei acobertar. De noite, todos estavam dormindo, menos eu. Estava no banheiro, com uma lâmina de apontador na mão, olhando fixamente para meu pulso. Todos os julgamentos a respeito do meu ser, desde o meu corpo, até a sexualidade, retumbavam em minha mente. Cada político, pastor, professor, colega e parente que um dia já disse algo, algo preconceituoso, aparecia em minha mente. Cada “piada”, olhar torto, riso e assédio me vieram à memória. Eu odiava ter que passar por isso, ter que ser eu. Não havia saída, nem acolhimento. Por um momento aquela lâmina fora a única coisa que me fez sentido, e o desejo de morrer me invadiu.

Eu me cortei.

Lembro-me de sentir uma dor, uma agonizante dor. Mas que eu sabia onde ela estava e não era mais dentro de mim. Era ali, bem ali. No meu pulso. Vi algumas gotas de sangue cair no chão e foi como se todo o meu sofrimento, toda a minha agonia, tivesse ido embora. Mas a dor ainda residia dentro de mim e o ódio por mim mesma ainda era real. Aquele corte não era mais poderoso o bastante para fazer passar. Fiz outros. Durante dias, semanas, meses e talvez anos, aqueles cortes foram a forma que encontrei de lidar com o meu medo de ser.

Minha autoestima era nula. Tentei ser certa, ser o que me dissessem que era o correto e me vi em um relacionamento hétero. Meu ser fora diminuído por ele também. Não tinha voz, espaço ou alegrias. A minha maior felicidade era quando conseguia um tempo para colocar aquela lâmina no meu pulso, cortes horizontais faziam cair sangue, mas não me matavam. Era isso que eu queria, uma dor física. Uma dor em que eu soubesse onde estava e poderia ser resolvida. Eu achava que merecia sofrer, afinal era errada, pecadora. Aquele garoto com quem me relatei me fazia ter nojo de mim mesma. Cada dia me sentia pior, me sentia mais errada, mais mentirosa.

Ele dizia o quanto eu era querida, dizia que me amava. Mas amor? Como eu poderia sentir amor? Como alguém poderia me amar? Beijar seus lábios não fazia sentido, era como uma tortura. Minhas amigas também namoravam, elas amavam seus parceiros, ou pelo menos sentiam desejo por eles. Eu só desejava e rezava para todas as divindades

que eu o amasse. Ele me amava e eu tinha certeza que ninguém nunca mais iria fazer isso. Eu precisava amá-lo de volta, sentir algo por aquele que dizia se importar tanto comigo. Amá-lo era necessidade quando nem eu mesma tinha carinho por mim.

O que havia de errado comigo? Por onde olhava não via ninguém com a minha cara, ninguém com esses mesmos sentimentos. Eu olhava para minhas amigas e sabia que não era como elas. Não sentia aquilo que elas sentiam quando beijavam o namorado, quando viam um homem sem camisa ou quando falavam sobre amor. Entre as nossas conversas, elas me confessavam detalhes emocionantes sobre a relação e aquilo me doía. Doía, pois passava pelas mesmas situações, mas sem sentir. Sem sentir borboletas no estomago, fogos de artifício ou qualquer metáfora criada por esse sistema que nos diz como devemos ser.

Até que ela veio. Como um animal selvagem, me deu o bote de repente e se apoderou de mim. E eu, inocente e despreparada, não pude conter meus instintos mais ocultos. Saí de meu esconderijo e me deixei sentir. Deixei-me ser mostrada, apareci como a real, como quem sou, saí das sombras e pus aquela cara no sol. Sofri. Como imaginei, dedos apontavam e riam. Eu era a piada, a louca. Minha falsa doença me perseguia e a partir de então, nunca mais seria a antiga e segura eu.

“Sapatão!”, eu os ouvia gritar. Minhas pernas tremiam e meu coração batia descompassado. Sempre soube que seria difícil, mas nunca imaginei que de todos os lugares seria subjugada. Dentro e fora de casa, o julgamento vinha desde o olhar até as piores palavras que saíam das bocas daqueles que acreditavam saber o melhor para mim. Meus piores pesadelos haviam virado realidade e minha falsa liberdade fora tirada de mim. Não estava mais a salvo, nem segura.

Finalmente me entendi, vi que realmente não tinha jeito. Eu era e eu sou lésbica. E não posso mudar. Tive medo novamente, mas sabia que deveria ter que terminar com aquele garoto fã de Beatles, que eu um dia achei que iria me casar. Sinto muito por ter tomado seu tempo, se é que você um dia lerá isso. Mas nosso relacionamento não fora em vão. Serviu de aprendizado e pude tirar aquele “e se” da minha mente. Eu me vi infeliz ao se lado, para me descobrir alegre ao lado delas. Mulheres. Cresci cercada delas, as via em todo lugar, inclusive sou uma. Sempre preferi personagens, cantoras e escritoras femininas. Eu

me via nelas, mas também sentia desejo e paixão. Foi só quando uma personagem daquela série musical se assumiu lésbica, que eu entendi. Não há nada de errado comigo.

Descobri minha identidade na obrigatoriedade de me auto afirmar o tempo inteiro, já que uma mulher amar outra ainda é algo inacreditável na visão daqueles que nos veem como um objeto nas mãos do patriarcado. Meu amor demorou alguns anos, ainda tenho insegurança ao andar naqueles corredores com a lembrança de já terem desejado a minha morte. Porém hoje ando de cabeça erguida. Sei que não estou sozinha e não preciso estar. Tenho força e coragem, coisa que só consegui descobrindo parceiros de luta. Meus pulsos estão intactos, minhas lágrimas secas e coração completo, cheio de amor próprio. Minha sexualidade incomoda, meu corpo e pensamentos também. E enquanto incomodar, falarei mais alto, gritarei se necessário. Não tenho mais medo dos corredores escuros, hoje eu sou a minha própria luz.

Lu Prochnow, 17 anos, lésbica, Minas Gerais.



Allisson*, 15 anos, trans, Santa Catarina.

A VERDADE SOBRE COMO VOCÊ SE FOI

E seu cabelo ainda estava na minha cama
E seu cheiro no meu casaco
E seu gosto na minha boca
E seu jeito na minha mente
E suas fotos na minha galeria
E suas mensagens no meu celular

Mas troquei a roupa de cama
E depois seus fios foram varridos do meu quarto
Mas junto com o lençol eu lavei meu casaco
e eles passaram a ter cheiro de amaciante
Mas eu comi e escovei os dentes
e os gostos na minha boca passaram a ser outros
Mas eu dormi e aprendi coisas novas
e minha memória substituiu você por outras lembranças
Mas eu vi algo lindo e bati uma foto
e precisei tirar as suas para dar lugar às outras
Mas eu precisei limpar o celular
e suas mensagens se perderam por aí

E você estava no meu coração
Mas o tempo passou
e agora não há mais nada de você em mim.

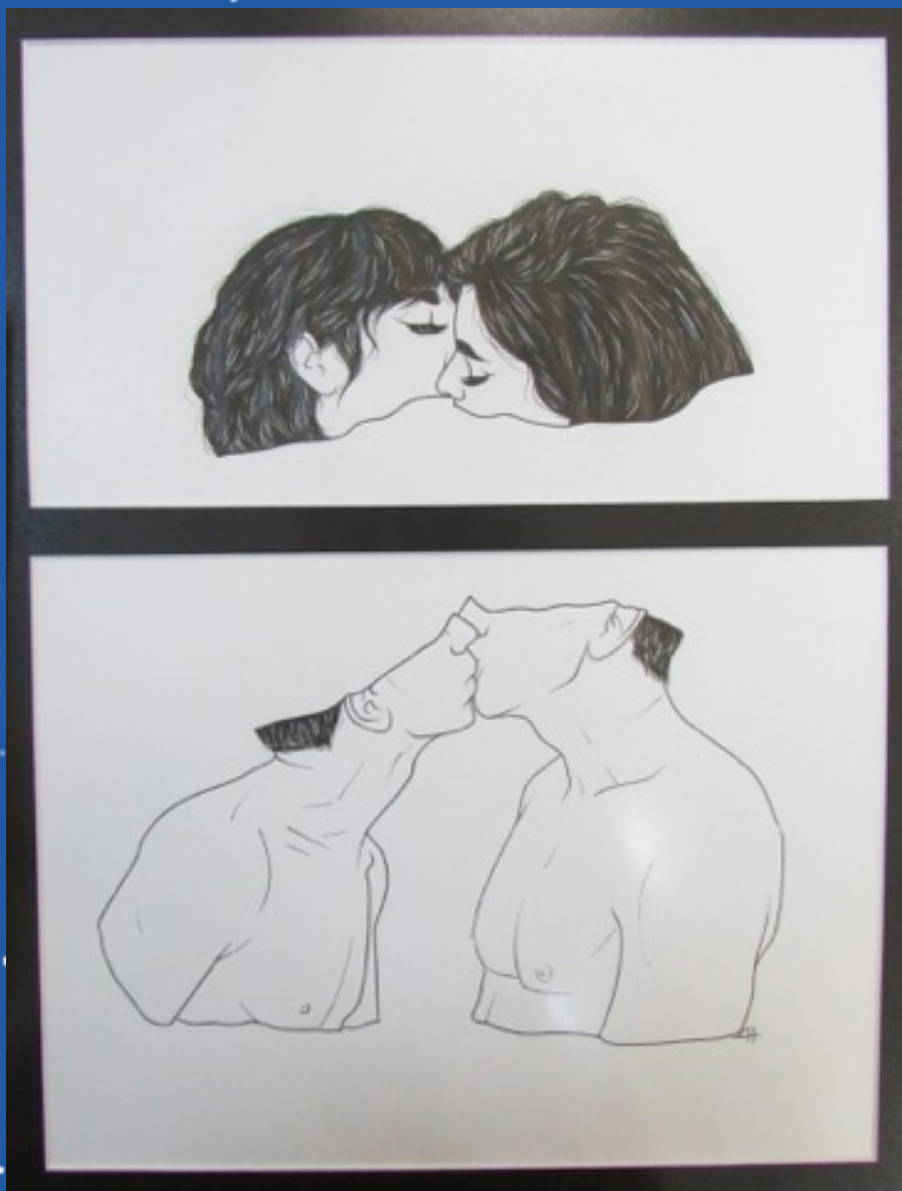
Um dia eu resolvi seguir em frente
E pra isso tinha que te tirar de tudo
Apagar você de todas as formas possíveis
Levei um dia inteiro excluindo seus contatos
Levei dias apagando suas mensagens
Levei uma semana inteira apagando suas fotos
Levei semanas desfazendo as amizades em comum
Levei um mês inteiro jogando fora as coisas que você me deu
Levei meses pra parar de falar de você

Levei um ano inteiro para que todos soubessem que eu não sabia mais de você

Mas aí percebi que faltou te tirar do lugar mais importante

Levei anos sem apagar você do coração.

Luanny Lima, 17 anos, pansexual, Rio de Janeiro.



Camila Herrero, 18 anos, bissexual, Distrito Federal

VONTADE

Introdução: li esse poema para o menino que eu beijei pela primeira vez, minutos antes de beijá-lo. Tínhamos nos conhecidos pela internet e era a primeira vez que nos víamos ao vivo.

Eu sou arte abstrata
tenho medo de ser decifrado
e me sinto culpado por sentir

Eu busco a hora inexata
em que me entreguei a você
em que injetei tuas gotas de morango

Eu sou arte abstrata
mas você é expressionista
e me fez querer ser também

Você viu beleza numa barata
disse que eu lhe havia machucado
eu sou arte que machuca

Eu sou arte abstrata
e existe algo puramente belo em dizer que
eu gosto de você.

[mais do que deveria

Você defendendo uma barata
e tudo o que consigo pensar é
como quero ser guardião da tua pureza

Eu sou arte abstrata
mas encheste-me de vontades
me fazes querer sair do formato do poema
para dizer que

Eu quero sentir meus dedos em teus cabelos.
Tenho vontade de sentir tua pele contra a minha.
Tenho vontade de ter vontade
de pegar na tua mão
de tomar tuas inseguranças pra mim
vontade de batalhar teus medos
e te poupar de tanto esforço
ser guardião da tua pureza
e deixar tuas gotas de morango
[escorrerem em minha liberdade
Quero te ouvir falar das minhas mãos pequenas
quero ouvir tu dizer que te faço feliz
e que tu me stalkeias que nem uma cachorra

porra, eu tenho tanta vontade.

Vês como não consigo manter controle quando lido contigo?
esse poema não tem mais rimas
nem estrutura
nem forma
nem sílaba tônica
nem musicalidade
e assim eu deixo de ser arte abstrata

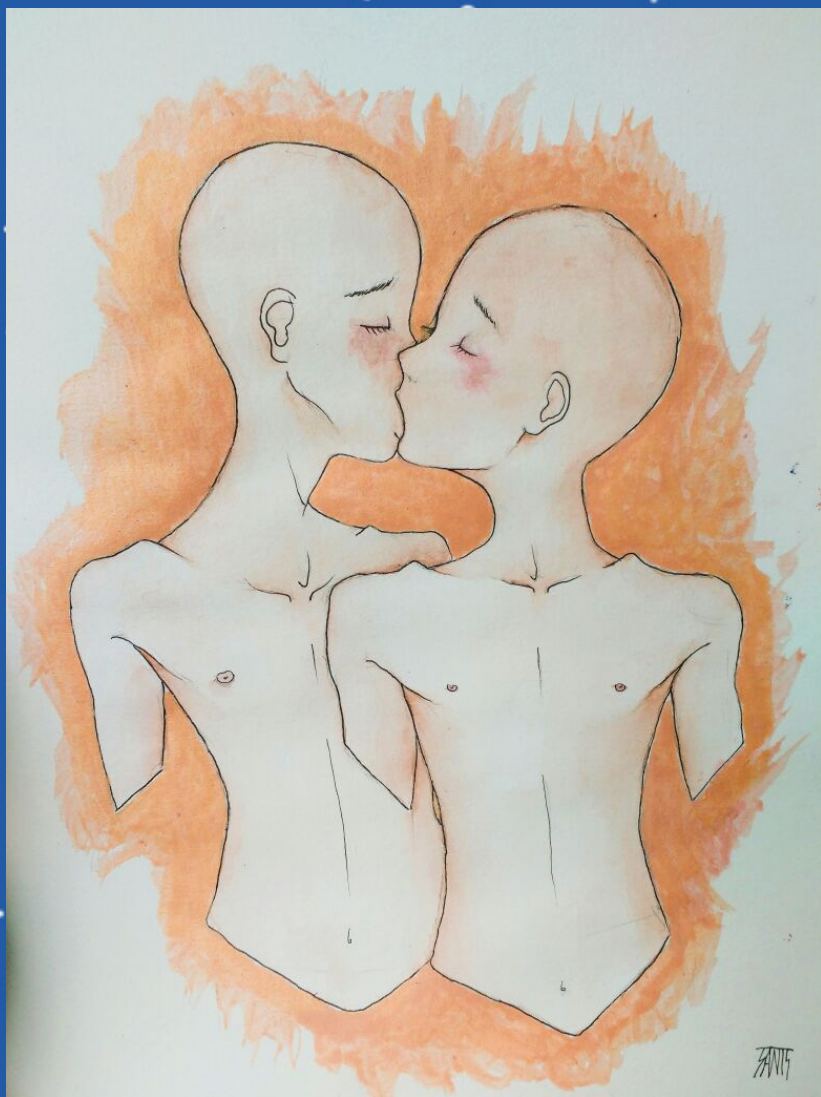
Eu poderia escrever 1000 poesias
sob a lucidez da maresia
mas nem Drummond poderia captar
tua doçura estelar
Machado de Assis frustrado iria ficar
em não poder te criticar
e Cecília Meireles escreveria uma poesia sem idade
ao ver que tuas gotas de morango não têm validade

e agora são 28 dias de ansiedade
até eu poder afundar em teu abraço
e nesse momento, eu juro, nós faremos arte.

talvez eu não seja arte abstrata quando você está por perto
talvez eu não esteja certo
mas eu tenho vontade de ter vontade
e isso é o suficiente

Me pinte em suas cores favoritas
porque você é minha cor favorita
e quem sabe, no agora,
minha pessoa favorita.

Lucas Lellis, 17 anos, gay, Amazonas.



Rafael Santz, 18 anos, gay, Distrito Federal.

DESOLAÇÃO

Eu não acho respostas
Pra onde olho, nada há
O chão está se abrindo
Prestes a me devorar

Capturado pelo medo
Afogado na solidão
Estou completamente perdido
Sozinho em meio à multidão

Não há sorrisos
Não há canções
As poesias se foram
Desolação

Fui atingido
E o socorro não vem
Está distante,
Nos braços de alguém
Que eu costumava conhecer

Luciano, 18 anos, gay, Pará.

O QUE EU APRENDI SENDO LGBT EM UMA INSTITUIÇÃO MILITAR

Fazer parte da população LGBT já é por si só, difícil. No país que mais mata indivíduos trans* no mundo, o medo e o sentimento de perseguição são figuras onipresentes na vida de alguém LGBT. O medo duplica quando estamos em ambientes mais conservadores: igrejas, mosteiros, templos, e bom, instituições militares.

Uma breve introdução:

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), sob a tutela do Exército Brasileiro, consiste em treze colégios distribuídos pelo Brasil, presentes nas cidades de Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Campo Grande, Fortaleza, Juiz de Fora, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e Santa Maria.

O colégio fez muita coisa por mim. Meus estudos avançaram drasticamente, aprendi a estudar e ser mais autônomo, comecei a me importar mais com os estudos, viajei para simulações da ONU mais de uma vez -uma delas até mesmo fora do país- conheci estudiosos importantes e personalidades que me marcaram para a vida toda. Tudo graças ao colégio militar. Mas não tem como ignorar tudo o que passei e tudo o que ouvi de outras pessoas nesses anos que estou frequentando o colégio. Seria descaso e hipocrisia. Então, como foi estudar numa instituição militar sendo LGBT? Bom...

No início...

Eu me matriculei no Colégio Militar de Manaus no ano de 2013, no oitavo ano. Após pensar bastante, resolvi nunca negar minha sexualidade para quem perguntasse, mesmo morrendo de medo de possíveis retaliações por parte da escola ou seus alunos.

Em um primeiro momento, foi bem difícil. Após uma aula de vôlei e uma brincadeira com uma música de funk, me apelidaram de “chantilly”. Tudo bem, o apelido era super bonitinho e eu gostava, ninguém me chamava assim com más intenções. Entretanto, eu nem tinha sequer dito com todas as palavras “eu sou LGBT”, ou “eu sou bissexual”, e dois dias depois todos já sabiam que o “chantilly espalha arco-íris pelos corredores do colégio, viadíssimo”, frase proferida por

uma das minhas colegas de ano. Aquilo me chateou um pouco, porque eu meio que queria ter me assumido “formalmente”, e tiraram isso de mim. Foi uma semana infernal. Para piorar, os alunos novos em colégios militares usam uniformes diferenciados: uma blusa branca e calça jeans, o que cria um contraste com o resto do corpo de alunos, ficando bem mais fácil das pessoas te acharem em uma multidão. Alvo fácil.

A pior parte, sem dúvidas, eram as aulas de educação física. Entrar no vestiário sempre foi a pior parte da semana. Eu me treinava para não olhar para os lados, vestir meu uniforme da forma mais rápida possível e no final chegar cinco minutos antes que todos no vestiário para poder tomar banho antes que o resto dos meninos viessem.

Inclusive, anos depois, passaram uma pesquisa com o tema “educação física: por que há desinteresse por parte dos alunos?”. Como resposta, os alunos teriam que marcar uma das alternativas listadas, entre elas: preguiça, desinteresse, “não gosto de esporte”, etc. Nenhuma delas sequer considerava violência — e aqui emprego a palavra com extrema cautela- como fator de possível desestimulação. O vestiário é sim um ambiente violento para alunos LGBTs em várias redes de ensino. Não só psicológico, como fisicamente para alguns. No oitavo ano, meu amigo me contou que apanhou de alunos mais velhos no vestiário quando estava no sétimo ano, durante as olimpíadas internas do colégio. Anos mais tarde, esse amigo revelou-se também LGBT para mim. Não sei se existe correlação entre o fato dele ter sido agredido e dele ser LGBT, mas a principal assertiva observada é a violência que ronda os vestiários. O que é perceptível no meu colégio era uma falta de supervisão nos vestiários que se traduzia em violência.

Dessa forma, meu oitavo ano foi um período de bastante medo, em que eu buscava só ser legal com todo mundo e não criar inimigos. Era discreto, me escondia bastante, tudo para evitar problemas. Ainda assim, umas brincadeiras aqui e ali surgiam, mas fáceis de ignorar.

Mas e depois de um tempo?

Foi melhorando, mas nem tanto.

Ainda no oitavo ano, decidi “arranjar um jeito de ser respeitado”. A solução? O colégio costuma premiar com insígnias e diferenciações os alunos com as melhores notas. Foi o jeito que encontrei. Corri atrás,

e consegui as insígnias já no nono ano. Ajudou? Talvez a chateação com os alunos não tenha melhorado. Com a instituição, professores e monitores, sim! As insígnias me livraram de muito perrengue que outros alunos LGBT têm com o próprio colégio, infelizmente. Tinha um amigo em particular que era ridicularizado por seu monitor constantemente, e suas reclamações no conselho de classe eram silenciadas, coisa que nunca experienciei. A violência que eu experienciava era muito mais velada. E tenho certeza que isso se deveu, em parte, a tal das insígnias —o que é problema à parte: os alunos que as possuem são “mais ouvidos” que o restante.

Esse contraste entre eu e meu amigo, que também já tinha sido alvo de preconceito por mais de um professor, também aconteceu entre eu e outros alunos (e alunas) LGBTs, e isso revelou outro fato bem claro: tudo bem ser LGBT, desde que as pessoas não percebam que você é. Quanto mais você segue um estereótipo de gênero oposto ao seu, mais você é alvo. O que serve para a sociedade em geral.

Foi só quando tive mais contato com outros alunos LGBTs dentro do sistema de colégios militares é que eu percebi o quanto eu era privilegiado. Alguns falavam de repressão direta da instituição contra eles. Alunos e alunas que recebiam punições desproporcionais às infrações que cometeram, perseguição de monitores, bullying velado e falta de resposta da coordenação: tudo isso denunciado por pessoas reais, que relataram isso pessoalmente a mim. Foi por causa desses relatos que, quando a página “No Meu Colégio Militar” bombou, eu não desacreditei nem fiquei tão surpreso assim com os relatos contidos lá. Era tudo mais do mesmo. Foi uma página criada para que alunos de todos os colégios militares do Brasil pudessem denunciar violências e preconceitos em seus colégios.

Uma vez, estava andando rápido no corredor quando um dos alunos soltou um “vou já chamar esse viado pra ele me chupar”. Outra vez, um monitor, numa roda de meninos heteros, cochichou que “Lellis tem alma de mulher, só anda com meninas!”. Numa reunião com o comandante, quando tentei dar um recado aos outros alunos do ensino médio, o comandante me interrompe e diz “menos, bem menos” esboçando um sorriso de deboche.

No segundo ano do ensino médio, tive um professor de

matemática que fazia piadas com LGBTs todas as aulas. Piadas pesadas. A galera, é claro, adorava: ficavam olhando de canto de olho para mim e para um outro colega meu, nós dois assumidos. Reclamei em conselho de classe sobre a postura do professor, mas já sabia que era um caso perdido: ele era coronel. Eu odiava o professor — muito respeitado por todos os militares do colégio e considerado “o mito” pelos meninos.

E esse é o momento perfeito para você contestar “ah, mas todos os colégios são assim, a população LGBT é marginalizada em todos os espaços e todas as escolas”. A crítica que se faz aqui é à falta de abertura e de espaço que um Colégio Militar oferece aos alunos LGBT e de outras minorias. Estudando em um colégio público, por exemplo, você tem mais abertura para denunciar possíveis abusos e negligências institucionais, e isso muda completamente se tratando de uma instituição militar. Para se ter noção, é estritamente proibido falar com o comandante sem que a gente tenha autorização e um motivo especialíssimo para isso. Nada de puxar assunto no corredor! Nada de “oi”!

O que eu aprendi estudando numa instituição militar não pode ser resumido em um simples parágrafo. Mas acho importante ressaltar que aprendi que nunca estou sozinho. Conforme os anos foram passando, criou-se uma rede de proteção entre eu e vários amigos, muitos deles LGBTs, alguns professores e até mesmo uns dois meninos heteros. Sabia que qualquer coisa mais grave que acontecesse eu poderia contar com eles, e eles comigo. Como uma família, mesmo.

Em resumo: nunca sofri agressões físicas dentro do colégio, mas psicológicas eu perdi a conta. A estrutura hierárquica do exército ainda cria um ambiente hostil para os alunos LGBTs, onde tarefas e deveres são na maioria das vezes divididas por gênero. Transgêneros não existem na visão do colégio. A ridicularização por parte dos monitores é bastante comum e os alunos não ajudam. Sou grato por tudo o que o colégio fez por mim, mas também repudio todas as complicações psicológicas que ele originou e ressuscitou em mim. Conto os dias para me formar, e quando me perguntam se sentirei falta de lá, a primeira reação que me vem na cabeça é dar uma risada.

Lucas Lellis, 17 anos, gay, Amazonas.



Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

ALFORRIA

O menino se lança ao mar
Como quem não teme nada
O menino não quer rezar
Se perdeu numa triste estrada

Seu Deus morreu

Uma esquina semi triste
Uma porta semi aberta
Dentro de ti só existe
Certeza encoberta
Meu Deus sou eu

Mickael Pederiva, 16 anos, transgênero, Distrito Federal.

SER LGBT É

não saber o que vestir para ir à festa da família.

é ficar muito feliz quando algum adulto desconhecido é simpático contigo, mesmo sabendo que você não é hetero.

é ter medo de ser maltratado por ser o que é.

é ter que se explicar pra família toda e dar início à um longo processo de aceitação entre eles, que talvez nunca termine.

é torcer pra ter algum LGBT+ no seu ambiente de estudo ou trabalho para que você não seja o mascote da turma.

é ter receio de apresentar seu(sua) namorado(a) como namorado(a).

é chamarem o seu amor por alguém de modinha.

é ter que ensaiar um discurso muito bem elaborado e convincente para dizer coisas óbvias.

é saber que o seu relacionamento com os seus pais seria absurdamente melhor caso você fosse hetero e cis.

é ter medo de andar na rua de mãos dadas com quem você ama ou até mesmo sozinho(a).

é pior: ter que soltar as mãos quando tem alguém vindo.

é ter que ouvir hetero dizer que queria ser gay/bi, sem saber o que tá dizendo, porque afinal ele só conhece o lado legal de ser LGBT+.

é não ser respeitado até por quem você jurava que seria.

é não se sentir bem no banheiro feminino porque te olham torto, mas nem por isso arriscar usar o masculino (ou o contrário).

é ver quem dizia mais te amar não fazer esforço nenhum pra se acostumar com o seu nome ou com as mudanças que você escolheu fazer.

é se sentir péssimo performando uma personalidade que não é sua para agradar a família, mas ter muito medo de ser quem você realmente é.

é ter que provar pra todo mundo que você tem ótimas qualidades, para compensar o fato de que você é LGBTQ+.

é ter que mudar sua opção de curso na faculdade porque caiu na real de que nem todas as áreas vão ter um emprego que te aceite.

é saber que ainda temos um longo caminho a percorrer para que possamos viver as nossas vidas em paz.

é saber que se você que está lendo isso for hetero cis, não vai entender de verdade nada do que eu disse, por mais que tente e se esforce. Você não vai. E quanto a vocês, irmãos e irmãs de luta: força e resistência!

Letícia Antunes, 17 anos, pansexual, Minas Gerais.

FÉ

Me descobrir gay em uma comunidade religiosa me fez questionar minha própria identidade e pureza diante de uma divindade. A cada dia, eu era bombardeado por discursos homofóbicos de pessoas ao meu redor e, por algum motivo, eles me feriam, mas eu negava minha própria natureza. E quando finalmente me dei conta de quem eu era, busquei refúgio na minha fé, mas ela não me acolheu. Os braços que me abraçavam, agora me rejeitavam. Mais uma vez, me escondi dentro de mim. E nessa luta entre "sou assim" e "devo ser assim", eu me vi perdido. Minha fé fraquejou, minhas poesias não eram mais felizes. Eu me senti como se estivesse largado no meio de um deserto procurando um caminho que não existia, ou estava encoberto pela areia. Hoje, assumido para a maioria dos meus amigos e fortemente decidido a me assumir para minha família, minha fé e minha sexualidade não se anulam. Me sinto confortável onde estou, dentro de mim. Meu orgulho é minha paz.

Luciano, 18 anos, gay, Pará.



Rafael Santz, 18 anos, gay, Distrito Federal.

ODISSEIA

Hoje de manhã acordei com olho roxo.

Disse que era assalto, mas levei porrada de fascista.

“Não seja bicha!”, disse, com olhos que revelavam quem era o verdadeiro animal entre nós.

Disse sem cérebro ou coração.

Razão ou emoção.

Vai ter viado sendo assassinado e travesti sendo esfaqueada.

Vai ter lésbica sendo estuprada e bissexual expulso de casa.

Porque é assim que se mantém a família tradicional.

Família tradicional?

Adulterio e assassinato

Machismo e atrocidade

Fascismo e a lei do mais fraco

Enquanto isso tem viado branco comemorando

Viado rico e burguês

Eles tem nojo de buceta

Publicam “love wins.”

Leva essa hipocrisia pro capeta!

Viado branco e burguês ainda é viado

Mas cadê sua empatia?

Viado bom é viado quieto

Viado bom é viado que não é viado

Viado bom é hetero

Viado bom é viado morto.

“Travesti vendendo droga tá mais do que errada”.

Depois é esfolada e não tem onde enterrar porque a família deserdou e deu porrada.

“Travesti se prostituindo merece morrer.

Aberração da natureza,

Tem mais é que sofrer”.

Nos chamam de bichinha, mas eu quero é ver.

Não aguentariam um dia na nossa pele,

Eles pediriam para morrer.

Soco na cara é moleza, fascista de merda!

Quero ver é ser expulso de casa, humilhada e violentada.

Levar tiro de neonazista numa boate lotada.

Pulse, nós somos uma.

Mas não todas.

Viado negro e favelado não recebe hashtag, dirá ter filtro no facebook.

Só tem tiro, morte e porrada.

“porque é assim que Deus quer”.

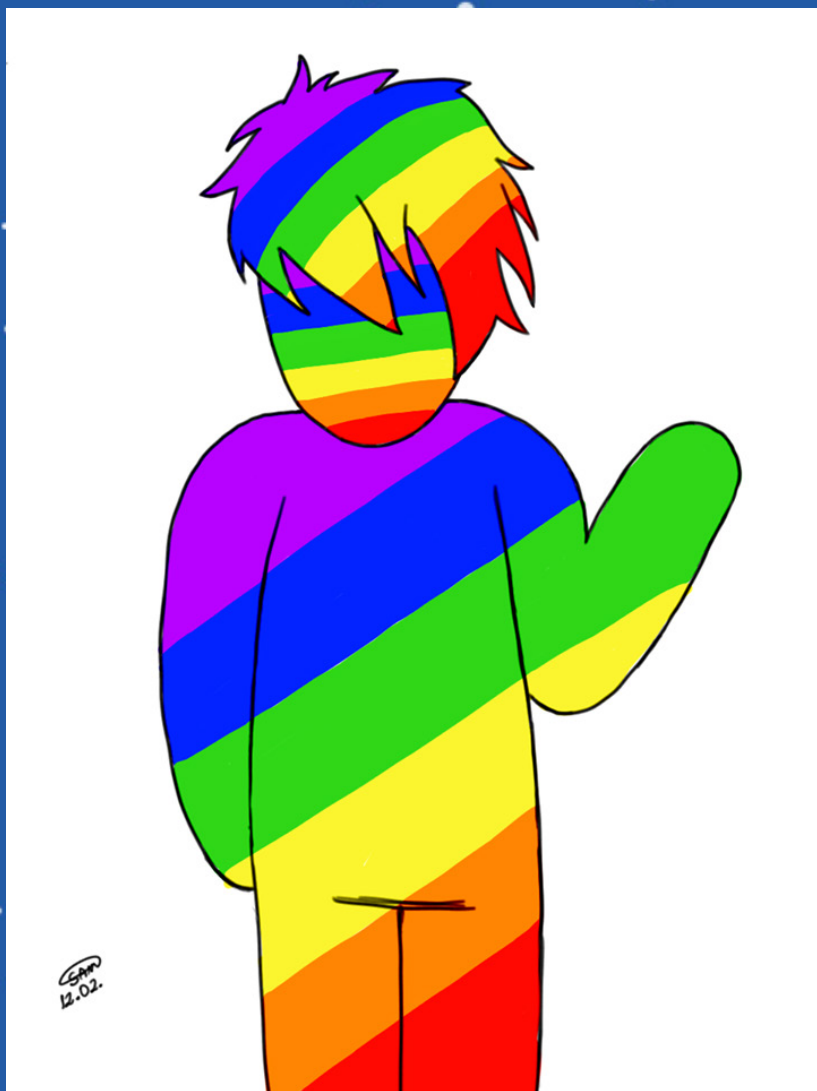
O seu Deus assassino .

Pelas LGBTs da periferia, do terceiro mundo, da democracia

subdesenvolvida:

O dia há de chegar.

Lucas Lellis, 17 anos, gay, Amazonas.



Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

EU NÃO VOU DESISTIR DE MIM

Eu queria que minha mãe soubesse que não existe solução, já que ela acha que sou um problema.

Eu queria que ela soubesse que quando ela diz "você não sabe do que sou capaz", eu respondo mentalmente "sei sim".

É que todo dia alguém morre, mãe. Todo dia alguém morre por ser negro, por ser gay, lésbica, trans, travesti. Eu sei do que uma pessoa cega de ódio e preconceito é capaz. Eu queria que minha mãe soubesse que qualquer tipo de violência não muda quem eu sou.

Tudo bem que eu nunca levei um tapa seu, mãe, mas ninguém dá uma surra mais forte que a vida. A vida bate forte todos os dias, e eu sei que a senhora sabe disso. Todo mundo sabe. Todo mundo apanha da vida. Eu queria que soubesse que não é só a senhora que está decepcionada, mas eu também. Mas se acostume com a ideia de que eu não vou desistir de mim.. porque eu não vou. Não outra vez.

Luís Fernando, 17 anos, trans, Sergipe.

VIRA HOMEM, VIADO!

Eu sou de uma família conservadora do interior do Rio Grande do Norte e sou gay!

Eu sempre fui muito magro, nasci com estrabismo convergente (um dos olhos com desvio ocular, no meu caso, o direito), afeminado, dentes entrelaçados, e a pior parte, sem ninguém.

No meu ensino fundamental, durante todos os anos, sempre teve alguém pra me humilhar, menosprezar, e esfregar na minha cara o quão eu era “horrível”.

Tudo começou quando eu estudava na segunda série do fundamental e um dos meus colegas de classe me xingava todos os dias de “viado” e de “bicha”. Os outros alunos geralmente “entravam na onda” e me ofendiam também.

Depois de um bom tempo sofrendo humilhação e rejeição todos os dias, eu comecei a ver a escola não mais como um lugar para reencontrar amigos e aprender, mas sim como um lugar de muito sofrimento. Passei a me isolar de todos os garotos e garotas da minha sala e da escola inteira, pois eu, diferente de muitos garotos gays, não conseguia manter nenhum contato nem com as meninas, porque eu sempre achava que qualquer pessoa iria me humilhar por um dos três motivos: orientação sexual, meu olho ou meu peso. Com tudo isso, eu acabei ficando completamente isolado de tudo e de todos.

A segunda série parecia não ter fim (apesar de já ter passado alguns anos, ainda lembro de todos os momentos daquele ano horrível). Lembro-me bem de uma vez em que eu estava no bebedouro e um dos garotos da minha sala jogou água na minha cara na frente de todos os outros e disse: “vira homem, viado!”.

Eu queria contar tudo pra minha mãe, mas eu não podia, porque eu sabia que se eu chegasse em casa e contasse, eu seria reprimido também porque eu supostamente estaria “dando” motivos.

No terceiro ano do ensino fundamental, mais um garoto pra me atormentar. Os insultos eram sempre os mesmos, sobre minha orientação sexual e minha aparência, me ensinando que eu era horrível e incapaz de despertar o interesse em qualquer pessoa. Certo

dia, estávamos no recreio e o garoto chegou me dando “rasteira” e falando que o “viado zanóio caiu”. Eu explodi! Cheguei na sala, peguei uma tesoura e ameacei o meu colega de classe. Ele veio pra cima de mim, conseguiu tirar a tesoura das minhas mãos e me socou no nariz, então começamos a nos agredir. Chegando em casa, contei pra minha mãe e ela perguntou os motivos disso tudo, então eu contei e a repressão em casa começou. Ela não se mostrou nem um pouco indignada, não mostrou nenhum interesse em saber da minha sexualidade, ignorou o fato de que o filho dela estaria sofrendo por isso. O ano letivo continua com todas as agressões psicológicas.

E então veio a quarta série. Dessa vez, o que marcou foi a referência que usaram pra me ofender. O desenho “pica-pau” que era transmitido pela Record. No desenho tinha um homem chamado zé Bom de Perna, que era um lutador com comportamento bem mais “feminino”. Todo dia eu chegava na sala e me chamavam por esse nome, perguntei o que era e me mandaram assistir o desenho. Quando anoiteceu, assisti o desenho e entendi o porquê de me chamarem assim. No dia seguinte, fui até onde estava o garoto e pedi pra ele parar, mas de nada adiantou. Ele continuou até que novamente eu saí no tapa com outro garoto pelo mesmo motivo: não aguentar mais ofensas. Eu estava ficando cada vez mais agressivo.

Nessa época eu tinha 9 anos e ouvi uma das coisas que mais me marcaram, senti culpa e desesperança. Eu e minha mãe estávamos na casa de uma vizinha e ela chamou sua filha de “rapariga” e minha mãe respondeu “não diga isso, é que nem viado, pega”. Quando ouvi aquilo, o pensamento foi instantâneo. Comecei a alimentar a ideia de que eu sentia atração pelos meninos porque as pessoas me chamavam de gay, mas no momento que parassem, eu começaria a gostar de garotas e foi aí que comecei a todo custo tentar mudar meu comportamento pra ver se eles paravam de me chamar de gay. Foi tudo em vão.

Agora a quinta série. Eu estava com 10 anos e continuava solitário, sem um amigo sequer. As ofensas continuavam e eu cada vez mais me sentindo errado por continuar sentindo atração por garotos, me achando feio por causa do meu olho. Um dos momentos que marcaram este ano foi também no intervalo da escola. Todos os outros alunos estavam brincando de alguma coisa com seus amigos

e eu estava sozinho, então comecei a correr sozinho pela escola pra pensarem que eu estava brincando com alguém. Foi extremamente doloroso. Vamos adiantar um pouco e ir direto para a sétima série onde ouvi uma das frases que mais me machucaram e até onde quando falo sobre isso sempre choro. Esse foi sem dúvidas o pior período que eu passei na escola, pois tinha mudado o turno, eram outras pessoas (piores) e tinham mais gente pra me abalar psicologicamente. Lembro muito bem que foi nesse período que Beyoncé lançou a música "Single ladies" e alguns meninos usavam essa música pra me ofender por ela fazer parte de um estilo de música dito gay. O primeiro dia de aula já foi com estes insultos e com a pior frase da minha vida dita por uma professora. Todos os alunos sentaram em filas e eu fiquei sozinho. Uma professora chegou na porta e falou assim: "Luiz como sempre sozinho". Essa frase pra mim foi o fim: me doeu como nada dito antes. Eu sofri tanto estudando com aquelas pessoas que é algo que eu queria esquecer, mas parece impossível. Foi onde o preconceito se mostrou forte de um jeito que parecia não ter formas de resistir a ele, parecia que queriam arrancar meu olho fora e trocá-lo por outro. As pessoas me odiavam e me xingavam todos os dias. Somente por eu ser gay e por eu ter um olho que eu também aprendi a odiar e nunca mais desaprendi. Isso que a professora falou serviu pra hoje eu ter noção de que a escola nunca esteve preparada pra receber alunos LGBT ou qualquer outro aluno que não seja aceito, que não obedeça aos padrões.

No ano seguinte, tudo parecia melhorar. Uma garota nova chegou na minha cidade e estudou comigo; ela foi a única depois de anos que de certa forma se preocupou com minha solidão e insistiu em fazer contato e formar algum laço comigo, mas logo ela foi embora. No entanto, antes de ir embora, ela me deixou com três bons amigos na escola, mas que logo eu perderia.

Foi no fim do ensino fundamental que passei pra estudar em um Instituto Federal próximo a minha cidade e não quis ir por achar que lá tudo ia se repetir, mas foi tudo ao contrário. Foi lá que eu me senti completamente representado e acolhido. Foi aí que minha superação e aceitação começaram.

Foi nesse Instituto que conheci pessoas como eu, pessoas incríveis que me amaram e que eu amo de forma incondicional. Mas

como o destino é imprevisível e eu também, desisti de permanecer lá e vim fazer o ensino médio na minha cidade, na qual curso o terceiro ano do ensino médio hoje em dia.

Nos dois primeiros anos foram bem difíceis também porque tinha um garoto que insistia em me atacar pela minha sexualidade. Eu sempre rebatia, mas nunca afirmando minha sexualidade. O tempo passou e no segundo ano do ensino médio, falei com uma professora de filosofia e sugeri que ela e o professor de sociologia elaborassem um projeto na escola que falasse sobre LGBTfobia, racismo e feminismo. Consegui com que a escola tratasse desses temas e com muita força consegui mudar o preconceito do meu colega de classe e hoje até falamos sobre determinados assuntos do meio LGBT.

Mesmo a minha vida estando bem mais fácil no meio estudantil, o meu psicológico ainda estava muito abalado, porque eu sentia que ainda não estava sendo eu mesmo por completo. As violências que sofri por tanto tempo ainda me assombravam. Eu me empoderei, e no dia mais impróprio contei aos meus pais sobre minha sexualidade. Contei no dia do aniversário da minha mãe e um dia depois do meu, com 18 anos e 1 dia. A reação foi exatamente como eu esperava: trágica, violenta e repulsiva. Meu pai teve que ir ao hospital e passou semanas sem falar comigo. Minha mãe, com o apoio da família, começou a respeitar mais e assim por diante. Tentei explicar pra eles que não escolhi ser assim, mas foi em vão, até hoje eles não acreditam no que falo. Meus pais não me aceitam, apenas toleram. Ainda temos alguns atritos, e quando eles ocorrem eu sinto como se o mundo fosse acabar.

Procurei apoio psicológico, mas me surpreendi ao me deparar com uma psicóloga que tratou minha orientação sexual como “escolha”. Ela apenas diagnosticou meu “complexo” e sugeriu uma solução para os meus problemas: que eu escolhesse ser hétero. Nunca mais voltei! Eu continuo aqui, tentando tornar a relação com meus pais cada vez mais saudável, me empoderando mais e seguindo em frente. Minha vida não será determinada pelo sistema, mas sim pelo modo como lutarei contra ele!

É isso, essa é a minha história. Não superei tudo que sofri ainda, mas estou firme e forte, minha sexualidade não é mais um tabu para mim, e sim um motivo de orgulho, pois eu existo e resisto todos os dias.

Luiz Antônio, 18 anos, gay, Rio Grande do Norte.



Luiz, 18 anos, gay, Distrito Federal

REVOLUÇÃO

Revolução se faz em casa,
Revolução se faz na rua.
Na cidade, no campo, nas praias e montanhas.
Em qualquer lugar que tenha uma bandeira.
Não importa a neve, o gelo,
Não importa o morro, a ladeira,
O calor do chão ou toda a poluição.
Desde que se tenha calor no corpo,
Paixão na fala e no coração,
Nada mais importa:
Todo lugar é lugar pra se fazer revolução.

Revolução se faz da cozinha,
Da senzala, do exílio e da prisão.
A revolução se faz até do armário,
Só não pode deixar de fazer não.

Faz revolução em nome do diferente,
Ou do igual em uma sociedade que nos força o oposto.
Faz pelo múltiplo quando nos é imposto o uno,
Pelo três quando tentam nos convencer que só existem um e dois.
Faz para convencer que o mundo não é só preto e branco,
Mas sim um arco-íris, grande e diverso.
Pra convencer que não existe exceção à regra da igualdade,
Se é que existe regra, afinal.
Pra fazer entender que tudo é construído,
Menos o sentimento e a paridade, a equidade entre todos.
Esta, sim, é a única coisa natural.

Mas revolução exige paciência.
Quem revoluciona hoje, tem de ter calma.
O revolucionário de hoje sofre, angustiado
Passa por trancos e barrancos, reclamando ou não.
Ele luta pelo que acredita, por sua verdade universal

Mas, mesmo que bem-sucedido, ele não vê o fim do que lhe faz mal.
O revolucionário de hoje, afinal, é um visionário.
Ele sabe que, para ele, nada deve melhorar.
Ele vê um passo além, porém
E é solidário com o futuro, que vai de sua luta desfrutar.
O revolucionário de hoje, um dia será adorado.
Um dia, todos dirão seu nome.
Lembrarão de uma época onde rosa só combinava com azul,
Onde só existiam rosa e azul,
Onde rosa não ia com rosa, pois não era natural
E então não ia com rosa ou azul, pois era só confusão da fase.
Lembrarão e se surpreenderão:
“Pensa só que loucura!”
Eles podem ainda não saber, mas isso é gratidão.
Eventualmente, descobrirão
Que foi o revolucionário de hoje que lhe deu seu pão.

E essa gratidão compensa!
No túmulo, o revolucionário vibra,
Pois sabe que sua paciência deu frutos.
Pois a gratidão do futuro faz valer sua fibra,
Sua dureza, sua resiliência e seus lutos.

Catarina*, 16 anos, bissexual, Minas Gerais.

MEMÓRIAS PRA SE GUARDAR COM CARINHO

Era noite,
todos estavam festejando.
Em meio a tantos corpos,
e tantas luzes,
eu a vi.
Quando nossos olhos se encontraram,
ela sorriu,
e eu juro,
era o sorriso mais lindo que já vi.
Nos beijamos ao ritmo da noite,
toquei em seu cabelo, seu rosto, seu corpo,
e naquele momento, eu me senti infinita.
Seu cheiro ficou em mim,
seu gosto na memória,
e seu rosto junto ao meu em uma foto.
Agora eu queria você de novo.

Quando a noite acabou,
me senti eu mesma,
completa, realizada, feliz.
A vida explodia em mil cores.

Katherine*, 17 anos, bissexual, Rio Grande do Sul.



Ingrid*, 16 anos, LGBT, Paraná

ENQUANTO ALGUÉM ME AMAR

Já passava das duas horas da manhã e Diego ainda não havia dormido nem por um minuto. O garoto encarava o teto, tentando controlar os soluços enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto. Ele não se lembrava de ter começado a chorar, nem de como chegou a esse ponto. Não se lembrava de ter pegado a lâmina, nem de quando foi a primeira vez que encostou em seu pulso naquela noite. Os cortes não doíam como de costume. Diego não estava sentindo a dor que, na maior parte do tempo, lhe causava sensações de conforto, aliviando a dor sentimental. Ele não sentia absolutamente nada.

Diego fechou os olhos novamente em outra tentativa frustrada de dormir. Ele só queria que as risadas parassem, os xingamentos silenciassem e os machucados sumissem, todos eles. Ele simplesmente não sabia mais o que fazer, nem a quem recorrer. Ele se sentia muito sozinho, confuso e destroçado. Ele tentou ser positivo e fingir não se importar com as palavras maldosas que ouvira principalmente de seu pai. Afinal, o que ele tinha feito de tão errado? "Tudo bem. Vai ficar tudo bem." Ele repetia para si mesmo em seus pensamentos. Mas Diego sabia que aquilo não era verdade e que não ia ficar tudo bem. Seus pensamentos acabaram o levando para onde ele não queria chegar. Aquele garoto que ele conhecera na praia. Por que tinha que ser tudo tão complicado? E como as pessoas da sua escola descobriram sobre ele? Isso não importava mais. Provavelmente ele já devia estar a quilômetros de distância dali.

Toda vez que chegava na escola era recebido com olhares de desprezo e nojo de seus colegas que o conheciam desde sempre. Mesmo não tendo muitos amigos, ele nunca foi de ter dificuldade para conviver com as pessoas. Agora, onde quer que Diego fosse, era seguido por esse tipo de olhar. Uns garotos do último ano o cercaram em um canto na hora do recreio e literalmente o espancaram. Quando contou para o diretor da escola o motivo pelo qual apanhara, Diego viu em seu olhar que não tinha nenhuma indignação ali. Talvez em outra situação o próprio diretor poderia ter sido seu algoz, nada o diferenciava dos meninos agressores. Como se não bastasse ficar sozinho na hora do

intervalo, agora também era alvo de várias piadinhas sujas e de mal gosto. Parecia que a escola inteira estava contra ele. Em casa seus pais o ignoravam e o tratavam como se fosse um total estranho para aquela família. Mas seu irmão de 6 anos ainda o respeitava e amava.

Diego achava aquilo tudo muito desnecessário. Como se as pessoas com quem ele fica ou deixa de ficar fosse fazer diferença na vida dos outros. Então porque as pessoas continuavam a se importar? Ninguém olhava na cara do garoto, e seus pais estavam tão ocupados se lamentando por terem perdido “seu filho querido” que nem perceberam quando começaram a perdê-lo de verdade.

O garoto virou de lado na cama e pegou seu celular para ver a hora. Duas e quinze. Ele não sentia mais as lágrimas escorrendo em seu rosto, só sabia que elas estavam ali pois continuava a encharcar o travesseiro. Sua respiração já estava controlada agora e ele não estava mais nervoso, nem com raiva, nem desesperado. Apenas encarava o teto acima de si. Tudo ao seu redor era tão insignificante pra ele que não fazia mais diferença estar vivo ou não. Ele tinha desistido. Quando o objeto cortante estava quase perfurando sua pele, seus olhos encontraram uma foto. A foto estava pendurada na porta de seu quarto que estava trancada, e nela um menino de uns 10 anos segurava um bebê no colo.

Ele parou imediatamente o que estava fazendo e deixou a lâmina cair ao se levantar. Deve ter se passado uns cinco minutos inteiros enquanto ele ficou observando a foto. Depois de fazer um curativo nos cortes e limpar sua cama, Diego se dirigiu a porta de seu quarto. Seu pais tinham saído para um jantar de trabalho e não dormiram em casa. Ao se levantar em direção ao quarto do irmão mais novo, não esperava ver o que encontrou a sua frente. Seu irmãozinho não estava no quarto dele, mas sim recostado na parede em frente a porta de seu quarto, agarrado à um dinossaurinho de pelúcia que ganhara do mais velho em seu primeiro aniversário, cochilando, em um sono leve, pois quando Diego abriu a porta, o menor acordou e o encarou com os olhinhos verdes repletos de preocupação. O pequeno se levantou e deixou o dinossauro de lado e abraçou o irmão mais velho. Depois pegou na mão do garoto e o guiou ao seu próprio quarto. O fez deitar em sua cama e entregou o dinossauro de pelúcia para ele. Ao entregar o bichinho deitou ao lado do mais velho e o abraçou fazendo

carinho em seus cabelos. E foi nessa hora, quando seu irmão estava quase dormindo depois de ter certeza que ele estava bem, que Diego percebeu que não podia desistir. Não enquanto ainda havia uma pessoa que se preocupava com ele e que realmente o amava.

Verônica*, 15 anos, pansexual, Minas Gerais.

MULHER DE PAU

Travesti de luta
Todo dia pela labuta
Vende o corpo pelo pão
Demonia em corpo de gente
Um corpo que ninguém entende
Mas a trava não se cala
Ela quer seu espaço de fala
Não ser mais hostilizada, muito menos mutilada
Ela só quer ser reconhecida
Não mais como trava da vida
Não quer ser chamada de anormal
Nem como homem com roupa de mulher
Mas sim como mulher,em corpo de...
mulher!
Mulher de pau.

Pedro Ferreira, 18 anos, trans não binarie, Distrito Federal

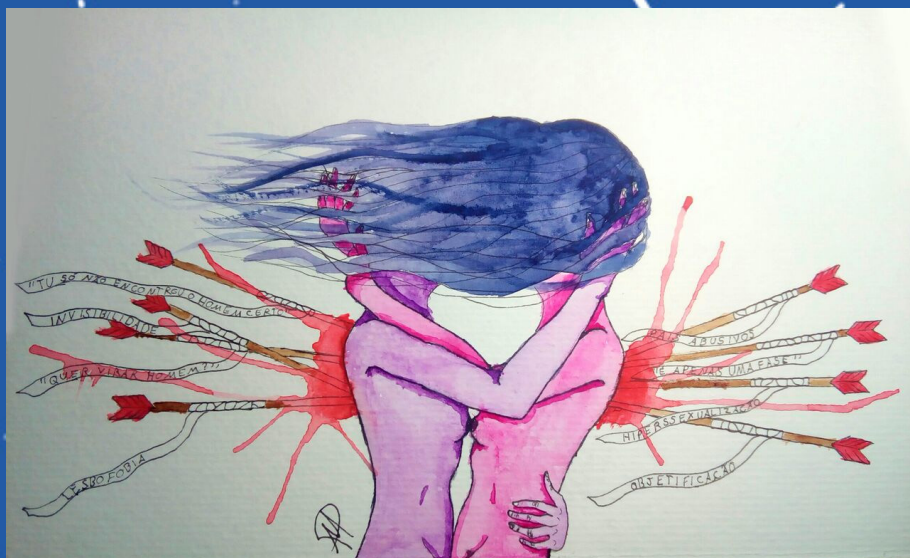


Pedro Ferreira, 18 anos, trans não binarie, Distrito Federal

SONHO

Sou apenas uma garotinha
Mas já sei sonhar
Sonho com seus dedos entrelaçados em meu cabelo
Me fazendo cafuné
Seu sorriso
De encontro com o meu, ah!
Teu cheiro na minha roupa
Sua voz me deixando louca.
Sua mão segurando a minha,
E a gargalhada que me inspira!
Sou apenas uma garotinha
Mas já sei sonhar
Sonho com seu cabelo voando
Em conjunto ao meu
Com o seu batom vermelho
Se misturando com roxo da minha boca,
E fazendo um violeta!
Com a gente tomando café
E dançando ao amanhecer.
Você deitada no meu colo
Ouvindo minhas teorias malucas sobre a vida.
Sou uma garotinha
Mas já sei sonhar
Quando eu acordo
Vejo que realmente,
a vida poderia ser
um sonho!

Iana*, 16 anos, bissexual, São Paulo.



Mariana Pacheco, 17 anos, lésbica, Distrito Federal.

DENTRO DA CAIXINHA

Eu não sou, nem nunca fui, um exemplo de masculinidade. Isso me perturbou e angustiou durante toda a minha infância, mas hoje não mais. Meu pai e minha madrasta são muito religiosos, conservadores, e homofóbicos. Eles sempre perceberam que eu tinha uma certa “feminilidade”, que eu não agia “como homem” e nem gostava de “coisas de homens”, como carros e futebol. Então desde cedo ele fizeram questão de deixar bem claro, direta e indiretamente, que ser gay é pecado, que eu iria pro inferno e perderia minha “salvação”. Na minha cabeça de criança, tudo era muito confuso porque eu nem me preocupava em ser algo. Eu só queria ser eu mesmo, mas, pelo visto, ser eu mesmo era errado.

Com dez ou doze anos, eu já ouvia perguntas na escola sobre minha sexualidade, mas eu não sabia por quem eu sentia atração ou desejo: eu era só uma criança. Mas os outros meninos desde cedo não tinham esse problema, eles já sabiam do que gostavam e queria, porque eles amavam futebol, carros e filmes de luta.

Quando comecei minha puberdade, eu cheguei a conclusão que não era hétero e que eu ia ter que lidar com isso escondido até eu conseguir sair da casa do meu pai porque, pelo visto, fora da MINHA casa, que devia ser meu porto seguro, eu seria livre e feliz. Lidei com essas questões até sair da casa do meu pai, no final do ano de 2015. Depois de muita luta, depressão e medo, moro com minhas irmãs mais velhas que me amam e me apoiam.

Hoje eu não me preocupo em ocupar alguma caixinha e seguir algum padrão. Reconheço e aceito que sou homem cis e gosto de “coisas de mulher”, como algumas roupas e maquiagem.

Se eu pudesse, falaria pra todos os adolescentes LGBT do Brasil que estão passando por uma fase difícil: não desista de você nunca! Não será fácil, mas aguentue firme porque você é capaz de superar essa fase. Por mais que demore, ela vai passar, e lá na frente você poderá ser quem quiser ser e agradecerá por não ter cedido a pensamentos tão ruins quando era mais jovem.

Enrique*, 16 anos, bissexual, Espírito Santo.

O AMOR VAI VENCER

Eu tinha medo de contar aos meus amigos que eu gostava de meninos. Não sabia o que eles iriam falar, se iriam me apoiar, se afastar, se iriam me tratar diferente ou alguma coisa iria mudar. Depois que eu contei, eu percebi que eu tenho as melhores pessoas que eu poderia conhecer, todos trataram com a perfeita naturalidade que é ser LGBT. Para falar a verdade, a minha relação com meus amigos ficou muito melhor depois que eu tirei esse peso das costas. Nós nos divertimos mais, e nada mudou. Só estou querendo dizer que se você tiver vontade de contar para os seus amigos ou amigas sobre quem você realmente é, você não deve voltar atrás, se esconder ou muito menos mentir pra eles. Se eles forem seus amigos de verdade, eles irão te amar exatamente do jeito que você é, sendo um(a) LGBT maravilhoso(a) que eu sei que você é. Mas não se sinta na obrigação de contar, ou que deve contar rápido: tudo tem o seu tempo e você saberá a hora certa de contar. E se algum deles infelizmente não aceitar ou quiser te mudar, eu sinto te informar que ela não é sua amiga. Dói quando alguém que nós gostamos implica tanto com uma coisa tão normal que é gostar de alguém do mesmo sexo, ou não se identificar com o gênero que nasceu, mas infelizmente isso ainda acontece, e eu ainda acredito que um dia isso vai acabar e as pessoas não vão só “aceitar” a diversidade, como também celebrá-la! Afinal, o amor sempre vence né?

Wellington Santos*, 16 anos, bissexual, São Paulo.



Alice, 17 anos, bissexual, Distrito Federal.

MENINAS QUE AMAM MENINAS

Meninas que amam meninas
Deviam falar disso em voz baixa
Soltar as mãos quando passar gente
Não contar para o resto da família
Não deixar os vizinhos saberem

Eu sou uma menina
Eu beijo meninas
E me orgulho disso

Tenho orgulho das noites que passei em claro
Chorando meu perdão a um deus
Que haveria de me abandonar

Tenho orgulho das vezes
Em que menti para as minhas tias
Quando disse que não havia ninguém no meu coração

Tenho orgulho das vezes
Em que colegas de sala me chamaram de sapatão
Como se fosse algo constrangedor e depravado

Tenho orgulho das vezes que ouvi calada
Que pessoas como eu deveriam apanhar
Para "aprender a ser mulher"

Tenho orgulho de tudo que minha mãe disse
Como "Você é uma decepção"
E "Eu te proíbo de contar para os outro"

Eu me orgulho dos momentos em que desviei o olhar
Para que aquela garota não percebesse
O quanto eu a achava linda

Tenho orgulho de todas as minhas batalhas
Todas as minhas dores
E tudo que passei até ter orgulho
Daquilo que sou

Com promessa de verdadeira
Digo,
Sou como você
De carne
Osso
E pó de estrela

Rebecca, 15 anos, LGBT.

REVOLTA DA ARTE

-Eu preciso me sentir amada – Beatrice disse – Mas não quero o amor fraternal, paterno ou materno, ou o amor da amizade. Quero o amor erótico, romântico, o amor Eros.

-Arranje uma namorada, não é tão difícil assim – Lana disse, vidrada na pintura de Botticelli.

Era agosto de 2013, e as duas meninas estavam na exposição “Mestres do Renascimento”, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo. Já estavam adiando a visita fazia semanas, desde que a exposição começou, mas finalmente conseguiram ir.

As duas ficaram na fila por uma hora e pegaram chuva enquanto esperavam, mas poder ver ao vivo uma obra de Sandro Botticelli e sentir todas as emoções que a tela passava fazia valer a pena a espera. Mesmo com as roupas úmidas e a grande quantidade de pessoas na exposição, aquele momento conseguia ser inesquecível.

-Não é tão fácil arranjar uma namorada, Lana, você sabe disso. Preciso encontrar uma menina legal primeiro, o que já é difícil; e mesmo se eu conhecer, quais são as chances de eu ter uma conexão com ela? Eu conheço várias meninas legais, mas não tenho nenhuma conexão com elas.

-Com quem você já teve uma conexão? –Lana perguntou.

-Tive com a Dalila e com a Tainá. Também tenho com você, mas nós somos só amigas.... Não somos?

Beatrice deixou aquela pergunta no ar e andou sozinha até parar em frente à uma pintura de Donatello, à alguns passos de distância de Lana. Ela continuou no mesmo lugar, se sentindo desconfortável em sua própria pele ao ouvir aquelas palavras saindo da boca de Beatrice. Nunca teve certeza de seus sentimentos pela garota, que conhecia há apenas poucos meses.

Desde o primeiro contato, Lana começou a se apaixonar gradualmente por ela, mas nunca conseguiu decifrar se a garota queria algo além da amizade ou não. Ela sempre comentava sobre sua carência e sobre seus amores passados, mas Lana nunca dizia ou fazia algo sobre

aquilo, pois tinha o medo clichê de perder uma amiga.

Na primeira vez em que saíram juntas e realmente conversaram, Lana percebeu como Beatrice era extremamente inteligente e culta e, ao mesmo tempo, a pessoa com o melhor senso de humor que conhecia. Lana se encantou por sua inteligência, pelos seus gostos peculiares de comida como brigadeiro de panela com Doritos e sua risada inconfundível.

Todas as ligações de madrugada; às vezes que foram na Avenida Paulista apenas para se ver e comer alguma coisinha; as festas em que ficaram bêbadas juntas e os cigarros que dividiram foram como adubo para crescer um sentimento dentro de Lana que ela tentou cortar, mas não funcionou. Jogou venenos, inseticidas, repelentes, mas ele não morria. Aquele sentimento, aquele amor, era pior que erva daninha.

Porém tem vezes que é melhor se contentar com a amizade do que arriscar um relacionamento e perder tudo. Mas ao ver Beatrice com os olhos brilhando fitando cada traço da pintura, seu longo cabelo castanho caindo como uma cachoeira em seus ombros, o pequeno sorriso de fascinação em seus lábios grossos pintados de vermelho, sua pele morena brilhando contra a luz amarela do museu, Lana sentiu um desejo incontrolável de declarar sua paixão para ela naquele momento, no meio de todos aqueles desconhecidos.

Lana caminhou lentamente até Beatrice, que estava tão concentrada na tela que tomou um susto quando a outra garota encostou em seu ombro. Ela riu de nervoso.

-Você me assustou – Beatrice disse, ainda rindo. Lana riu com ela, e mordeu seu lábio inferior, também de nervoso.

-Bia, eu tenho que te contar uma coisa. – Lana segurou a mão da garota enquanto falava, e Beatrice olhava para ela com expectativa – Eu acho que estou apaixonada por você. Não sei como que isso começou, talvez foi no dia da festa no apartamento da Sara e ela me apresentou a você e você sorriu para mim e eu lembrei naquele momento que eu li em algum lugar que a gente se apaixona por alguém em 0,2 segundos. Mas quando eu vi seu sorriso, me apaixonei por você em 0,1 segundos.

A gente começou a sair e conversar e com o passar dos meses eu fui me apaixonando cada vez mais por cada detalhe seu e eu nem sei por quê eu estou te dizendo isso justamente agora e.... – Suspirou

profundamente, e olhou fundo nos olhos verdes de Beatrice – Eu não escolhi te amar, mas sou feliz e grata por tudo que me fez amar você.

Ao ouvir aquilo, Beatrice sentiu como se ela e tudo ao seu redor estivesse girando, mas lá estava ela, parada com os pés no mesmo lugar. Não sabia o que falar, o que fazer, como devia se sentir em relação a tudo aquilo que Lana havia acabado de te dizer.

Por um impulso involuntário, ela a beijou. O coração de Lana batia descontroladamente, o de Beatrice palpitava, pulava uma batida. As bochechas de seus rostos ficavam semelhantes as paredes do museu: cada vez mais vermelhas. Dentro de suas cabeças, havia uma confusão de sentimentos, mas mesmo assim, uma aura de amor pairava em cima das duas.

Quando Lana sentiu a boca de Beatrice na dela, entrou em êxtase. Seus lábios eram macios e delicados, suas línguas se enrolavam. As mãos de Beatrice agarravam a nuca e o cabelo platinado da outra garota. Seus lábios se descolaram e abriram seus olhos. Se olharam profundamente, com a respiração ofegante, sem palavras, como se suas cordas vocais não funcionassem mais.

Todas as outras pessoas do museu as encaravam, como espectadores de um filme, esperando algum movimento de uma das duas. Uma voz infantil feminina gritou no meio da multidão:

-Beija ela, sua tonta!

As duas riram, e Lana beijou Beatrice com toda a paixão que estava nutrindo a tanto tempo dentro de si. Durante o beijo, elas ouviam todas aquelas pessoas batendo palma e assobiando, celebrando o afeto alheio. Já dizia Lulu Santos, consideramos justa toda forma de amor.

Pararam o beijo mais uma vez, e se abraçaram com força. Beatrice enterrou sua cabeça na volta de pescoço de Lana e sentiu seu perfume amadeirado de araucária, que apenas naquele momento descobriu que tanto amava.

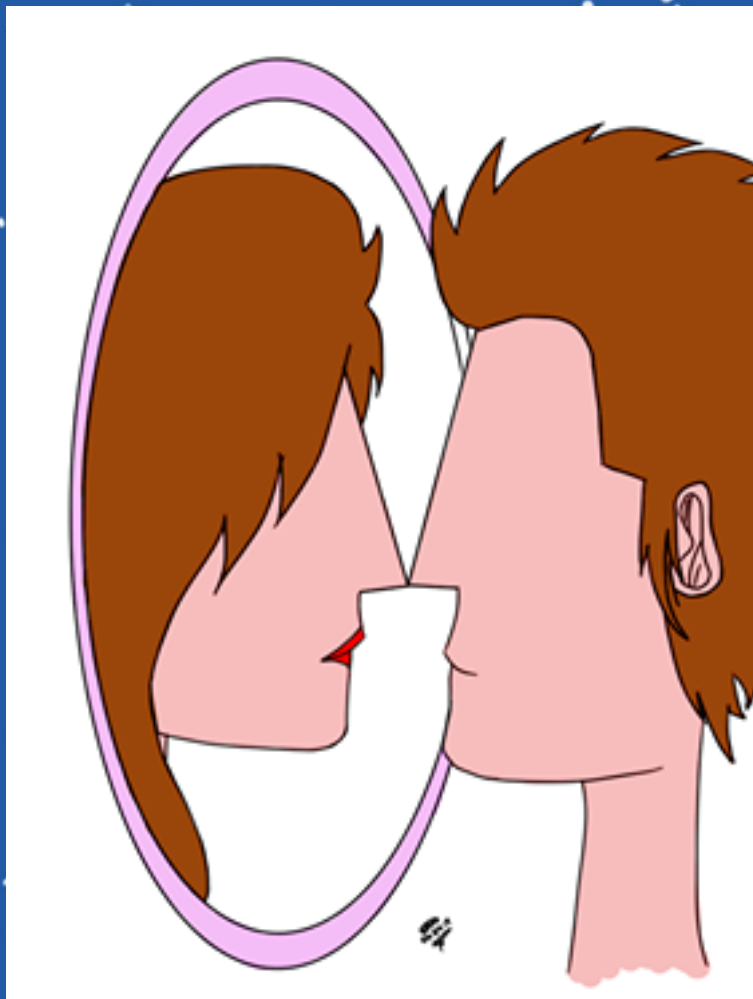
Se deram as mãos e saíram correndo da exposição. Não ligavam para os seguranças correndo e gritando atrás delas, nem para o futuro preconceito que iriam sofrer em algum momento, ou pela desaprovação por parte dos pais de Lana; só se importavam com a paixão que circulava pelas suas veias. Quando já estavam fora do museu, sentiram a chuva

mais uma vez caindo em cima delas e se beijaram, como se estivessem em um filme romântico bem clichê.

Helena*, 16 anos, pansexual, São Paulo.

Me olho no espelho,
Perguntam-me o que vejo.
"Eu vejo um reflexo,
O reflexo da minha alma,
Eu vejo Vanessa."
Mas por que Vanessa,
Se meu nome é Hugo?
Se foi registrado,
Ainda no meu nascimento,
Hugo.
Quem é Vanessa,
Se não um Hugo "disfarçado"?
Mas por que Vanessa tende a ser o disfarce,
Se ela é a essência?
Então o que seria?
Seria Hugo a Vanessa disfarçada?
Num disfarce obrigatório,
Num mundo promíscuo,
Num local conservatório,
Num universo nem um pouco inócuo.
Pobre Vanessa,
Que numa família despreparada nasceu,
Que no corpo errado cresceu,
Que quando se assumiu sofreu,
Que quando tentou seguir, morreu.
Meus olhos brilham no espelho,
Os olhos claros de Vanessa
E não os olhos sombrios de Hugo.
Não o superficial,
Não a aparência,
Apenas o real,
Eu vejo a essência.
Finalmente Vanessa.

Bruno*, 14 anos, trans, Bahia



Bruno*, 14 anos, trans, Bahia

BRILHAMOS

Abra a porta
Saia do preto
Muito brilho pra pouca escuridão
Mostre a sua essência
Especifique a sua existência
Grite o mais fino que puder
Mostre que é afeminado sim
Que é a bixinha dos rolezim
Que manda as coreo da sua diva
E nunca, nunca se mostre inofensiva
Se imponha e pare de ficar respirando o pó
Você é melhor do que tudo e merece respirar a purpurina que está dentro de si
O armário é pra se guardar objeto qualquer e não para uma peça rara
Não seja um interruptor, seja a própria luz.

Matias Bloo, 15 anos, gay, Distrito Federal.

COMO SOU

Não sou pedra, mas posso endurecer
Não sou lenha, mas posso incendiar
Não sou pena, mas ando como pluma
Não sou eu, mas eu posso me fazer
Não sou nada, mas tudo eu posso ser
Se tem um lugar que eu vou é pra rua
militar até a mudança acontecer.

Liniper, 19 anos, não-binário, Distrito Federal.

MEDO

Eu, como gay, vivo cercado por essa palavra, medo de não ser aceito, medo de ser excluído, medo da minha voz não ser ouvida, na política, na escola ou no trabalho. Medo de sofrer agressões, tanto físicas quanto verbais, medo de ser.

Depressão e ansiedade. Eu, como gay, depressivo e ansioso, antes de ir para um evento LGBT, não consigo dormir na noite anterior com todas as possibilidades de preconceito que posso passar; não consigo controlar minhas crises de pânico com tamanho medo de ser rejeitado e penso em milhões de formas diferentes de como terminar com essa ansiedade, de uma vez por todas.

Afeminado. Eu, como gay, depressivo, ansioso e afeminado, tento engrossar a voz quando tenho que falar na frente de todos; tenho receio de que a qualquer momento alguém vai me falar "para agir como homem"; tenho medo do que as pessoas vão me chamar, fico em pânico desejando não ser afeminado.

Amor e sonho. Eu, como gay, depressivo, ansioso, afeminado, que ama e é sonhador, sonho em poder me casar e poder demonstrar meu afeto em público sem olhares maldosos e preconceituosos; sonho em poder ter uma família, sem que os meus filhos sofram preconceito pelo fato de ter dois pais, sonho num mundo mais amoroso para todos.

Brasil. Eu, como gay, depressivo, ansioso, afeminado, que ama, é sonhador e brasileiro, não vejo representatividade nos mais altos escalões políticos e mais do que tudo, tenho medo.

Esperança. Eu, como gay, depressivo, ansioso, afeminado, que ama, é sonhador, brasileiro e esperançoso, espero chegar no dia em que não vai mais haver nenhum tipo de preconceito; espero o dia que enfim não vou ser cercado pelo medo, acima de tudo tenho: orgulho.

Caetano*, 16 anos, gay, Distrito Federal

O QUE É O QUE É

O que é? O que é?
Se segue estereótipos, apanha
Se não segue, “nem parece que é” é o elogio que ganha
Quando você digita no Google, o que aparece é pornografia
A fama que a gente tem é de que só serve pra fazer orgia
Os homens não respeitam a nossa existência
É sempre a mesma coisa! “Você é? Então tem que provar”
Usam sempre a mesma frase
pra nos hipersexualizar
até no “seu” próprio movimento
é invisibilizada
É sua letra que inicia a sigla
Mas na real, isso não significa nada
Boto fé que tu já sabe o que é
Mas eu vou dar mais uma dica
Se andam de mãos dadas na rua
Não escapam das buzinas de um só motorista
Não revidam: por medo
Não se beijam: por medo
Não se assumem: por medo
De revelar sua orientação
A resposta?
O que é? O que é?
Eu tô falando de
Sapatão.

Estela Sena, 18 anos, lésbica, Distrito Federal.



